

CARTA DO LIBANO

FILME DO
DIRETOR
LIBANÊS
OUALID
MOUANESS
GANHOU
ESTREIA DE
GALA EM
SÃO PAULO

O DIRETOR
E PRODUTOR
JORGE
TAKLA

GENTE QUE FAZ

João Cury Neto
Ricardo Ayache
Juliano Tannus
Júlio César Fraiha
Suamir Carvalho
Chamone
Lidivaldo Reaiche
Raimundo Britto
Leonardo Naciff
Bezerra
Geraldo Chaine
Obeid

LÍBANO:
UM DRAMA
QUE PARECE
NÃO TER FIM





Telefone
(12) 3663-3887



WhatsApp
(12) 3663-3577



www.nacionalinn.com.br
reservas@nacionalinncampos.com.br

**SOLICITE SUA RESERVA DIRETAMENTE COM O HOTEL
E GARANTA TARIFAS ESPECIAIS!**



*O Castelo mais charmoso
de Campos do Jordão*

Telefone
(12) 3662-5950



WhatsApp
(12) 3663-4338



www.nacionalinn.com.br
reservas1@castelonacionalinn.com.br



CARTA DO LÍBANO LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
ROSE LANE CÉSAR

FOTOS
AGENCE FRANCE PRESSE

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 5461.0089

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
JORGE TAKLA

FOTO
JOÃO CALDAS

EMPREENDEDORISMO E SOLIDARIEDADE

O ano de 2022 se revelou como mais uma etapa de desafios globais. Conflitos e crises afetam países e nações inteiras além do seu entorno. É o que sucede no momento com o Líbano, em uma situação de precariedade sem precedentes desde a guerra civil. Por isso, iniciamos essa edição com um breve, porém contundente, informe sobre os principais pontos que fazem o drama libanês tão intenso e preocupante em nível mundial.

Mas, mesmo em tempos de crise a vida continua. Assim, nosso foco este mês é o poder empreendedor no Brasil. Apresentamos uma seleção de grandes empreendedores de vários setores empenhados em fazer a diferença no País.

A começar pelo homem de teatro, Jorge Takla. Diretor, produtor e empresário de sucesso, responsável por peças, musicais e óperas que marcaram época no teatro brasileiro. Também descendente de uma família libanesa com tradição política internacional.

Há exemplos de homens que somaram o empreendedorismo à suas profissões de origem, como o cardiologista Ricardo Ayache e o advogado Julio César Fraiha. E o baiano Lidivaldo Reaiche Raimundo Britto, que conta a saga de sua família entre o Líbano e a Bahia.

Histórias, vivências e relatos de gente que faz a pujança do Brasil, terra querida dos inúmeros imigrantes sírios, libaneses e seus descendentes. A nação irmã que tem feito a sua parte para auxiliar o Líbano neste momento de extrema necessidade e que, com certeza, será superado.



FOTO: MARTA SANTOS

FOUAD NAIME
EDITOR

[f @cartadolibano](https://www.facebook.com/cartadolibano)

[i @cartadolibano](https://www.instagram.com/cartadolibano)

SUMÁRIO

ANO 27 • NÚMERO 188 • 07.2022

CARTA DO
LIBANO

06 | Cartas

08 | Atualidade

Em um ano de preocupantes crises internacionais, a situação libanesa se agrava visivelmente. Aqui, um balanço dos últimos meses, a visão interna pouco otimista e pedido de socorro ao mundo

10 | Capa

O palco é o habitat natural do diretor e produtor Jorge Takla. Entre o Líbano, onde nasceu, Paris, Nova York e São Paulo, cidade que escolheu para viver, sua carreira soma décadas de sucesso e grande prestígio. Agora, está pronto para o próximo ato

GENTE QUE FAZ

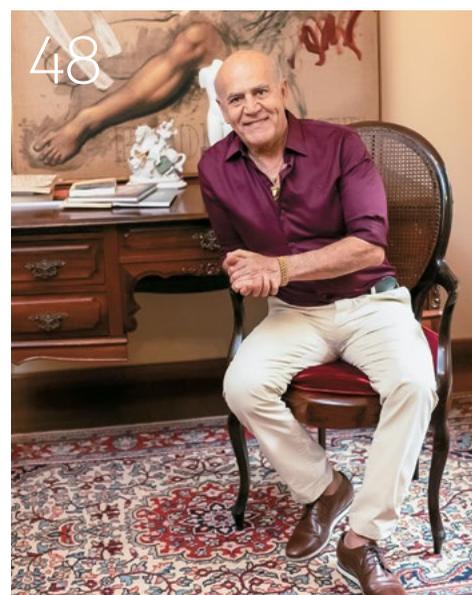
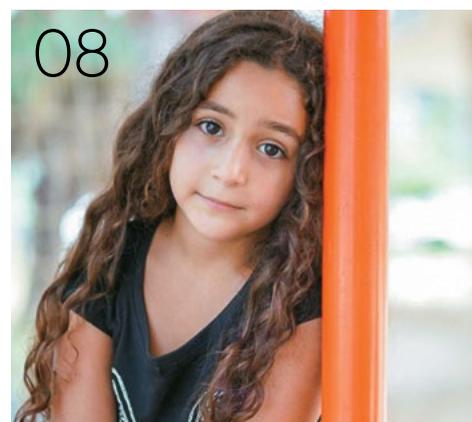
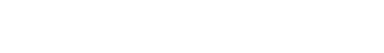
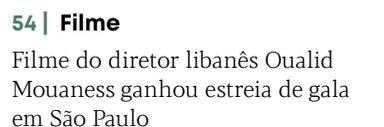
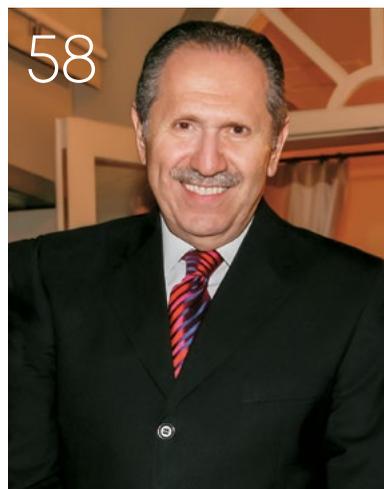
- 18 | João Cury Neto
- 22 | Ricardo Ayache
- 26 | Juliano Tannus
- 28 | Júlio César Fraiha
- 32 | Suamir Carvalho Chamone
- 36 | Lidivaldo Reaiche Raimundo Britto
- 38 | Leonardo Naciff Bezerra
- 40 | Geraldo Chaine Obeid

46 | Livros

Conheça a percepção aguda e o humor sagaz do cronista Walter Naime em dois títulos - de uma reflexão do matuto mineiro à observação de uma pequena cidade que reflete o País

48 | Livros

O escritor Jorge Alberto Nabut recorre a referências bíblicas e poesia para contar a vida de seu pai de forma épica. Uma leitura envolvente que remete à saga dos imigrantes libaneses e sírios, como mostra a resenha a seguir



ASSINE JÁ
E RECEBA
EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME
E-MAIL TEL.
ENDEREÇO
CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ • AGÊNCIA 0186 • CONTA CORRENTE 09161-7

CARTAS

Saudações de Brasília

“Meus respeitos. Minhas homenagens. Seu papel junto da comunidade libanesa radicada no Brasil é esplêndido.

A revista **Carta do Líbano** expressa um conteúdo de relevância, importância, business e alegria. Em uma época de dificuldades, você conduz com maestria essa importante publicação.

Em minha passagem pelo Palácio do Planalto, durante o governo do presidente Michel Temer, observei como a revista recebia louvor em apreciação. O nome da comunidade no Brasil contribui para seu desenvolvimento e crescimento no comércio.

Com toda certeza, **Carta do Líbano** representa o prestígio em alto conceito para todos.

O teu sucesso e o da revista só acabam quando Deus envelhecer. Deus não envelhece nunca.

João Carlos da Silva é articulista e consultor. Foi assessor ministerial na Secretaria de Governo e na Presidência da República Brasília, DF



Prezado Fouad Naime,
“Acompanho seu trabalho há longo tempo, desde o lançamento da **Carta do Líbano** em formato de jornal tabloide. A seguir, você transformou o jornal em uma bela revista em cores, com excelente material redacional sobre a coletividade árabe no Brasil.

O primeiro número do **Caderno Árabe**, trazendo na capa o papa Francisco e o grande imã sheikh Ahmed al- Tayeb, mostra o seu trabalho feito sempre com muita dedicação e talento: fotos, diagramação e impressão notáveis. Conteúdo preconizando paz, fraternidade e religiosidade entre povos e nações. Parabéns, caro amigo!

Adel Auada
São Paulo, SP



VSC ADVOCACIA



Atendimento de forma personalizada e exclusiva, com equipe multidisciplinar e atuação integrada para resolver a demanda dos clientes com excelência.

Áreas de Atuação: Assuntos Regulatórios / Previdenciário e Trabalhista / Direito do Terceiro Setor / Direito Imobiliário / Família e Sucessões / Direito do Consumidor / Direito Civil / Empresarial e Societário.

Atendemos em:

São Paulo – SP • Peruíbe –SP • Ponta Porã – MS



VSC ADVOCACIA

Avenida Aclimação, 797 – Aclimação
CEP: 01531.001 – São Paulo/SP

(11) 9.5719.5457 (11) 2679.9770 / (11) 2979.2129

www.vscgestao.com.br – contato@vscgestao.com.br



UNICEF informa:
Mais da metade
das famílias
libanesas teve
pelo menos uma
criança sem uma
refeição diária



ATUALIDADE

UM DRAMA QUE PARECE NAO TER FIM

Em um ano de preocupantes crises internacionais, a situação libanesa se agrava visivelmente. Aqui, um balanço dos últimos meses, a visão interna pouco otimista e pedido de socorro ao mundo

Designado primeiro-ministro do Líbano, em 23 de junho deste ano, Najib Mikati assumiu o posto com o desafio de formar um novo governo à medida que a devastadora crise financeira do país se agrava. O governo anterior preparou um projeto de acordo de financiamento com o Fundo Monetário Internacional em abril passado, e o acordo final está condicionado à implementação de uma série de reformas há muito adiadas.

Este acordo é amplamente visto como a única maneira de o Líbano evitar um colapso financeiro e econômico e sair de sua crise mais desestabilizadora desde a guerra civil de 1975-1990.

ESTES SÃO OS PRINCIPAIS INDICATIVOS DA GRAVIDADE DA SITUAÇÃO QUE O PAÍS ENFRENTA:

- 1** O Produto Interno Bruto caiu para cerca de US \$20,5 bilhões em 2021, comparados aos US \$55 bilhões, em 2018. O tipo de queda geralmente associado a guerras, segundo o Banco Mundial, classificando o colapso como um dos piores do mundo desde meados do século 19.
- 2** A libra libanesa perdeu mais de 90% de seu valor, elevando o custo de quase tudo em um país dependente de importações e demolindo o poder de compra. O salário mensal de um soldado, antes equivalente a US \$900, agora vale cerca de US \$50.

- 3** As taxas de pobreza estão disparando em uma população estimada de 6,5 milhões. Desses, cerca de 80% são pessoas classificadas como pobres, de acordo com a agência ESCWA, da ONU. Em setembro passado, mais da metade das famílias teve pelo menos uma criança sem uma refeição diária, apurou o UNICEF, em comparação com pouco mais de um terço em abril de 2021.
- 4** O sistema financeiro sofreu perdas impressionantes. O governo estima as perdas totais em cerca de US \$70 bilhões. O vice-primeiro-ministro disse em março que o número deve subir para US \$73 bilhões enquanto a crise não for abordada.
- 5** Os bancos libaneses estão paralisados. A poupança foi congelada em contas em dólares americanos. Os saques em moeda local estão sujeitos a taxas de câmbio que consomem 80% de seu valor. Durante uma visita a Beirute, no ano passado, sub-secretária de estado norte-americana, Victoria Nuland, declarou que o povo libanês merece saber para onde foi o seu dinheiro.
- 6** Dependente de combustível importado, o Líbano enfrenta uma crise de energia, que já estava escassa antes da crise, inclusive na capital. Agora, as famílias têm sorte quando recebem mais do que algumas horas diárias. Os preços

- dos combustíveis dispararam. Uma corrida de táxi compartilhado - meio de transporte popular - que custava 2.000 libras antes da crise, agora custa cerca de 40.000 libras.
- 7** Os libaneses emigraram em êxodo mais significativo desde a guerra civil. Acreditando que suas economias estão perdidas, muitos não têm planos de retornar. Uma pesquisa Gallup de 2021 apontou um recorde de 63%, entre as pessoas ouvidas, que desejavam sair permanentemente do país - muito acima dos 26% registrados antes da crise.
- 8** Entre os que emigram estão os médicos. A Organização Mundial da Saúde informou que a maioria dos hospitais está operando com 50% da capacidade. Segundo o órgão, cerca de 40% dos médicos, principalmente especialistas, e 30% dos enfermeiros se retiraram permanentemente ou trabalham meio período no exterior.
- 9** As autoridades e a mídia falam do Líbano a caminho de se tornar um "estado falido". O presidente Michel Aoun alertou, em dezembro último, que o estado estava "desmoronando". O principal clérigo libanês sunita declarou - depois dos protestos por falta de combustível, em agosto - que o país corre o risco de um colapso completo sem ação para evitá-lo. ■

FOTOS: UNICEF (PÁGINA AO LADO) E GETTY IMAGES (NESSA PÁGINA)



O povo libanês vai às ruas em protesto contra o colapso da moeda nacional

CAPA

JORGE TAKLA

O PRAZER DO TEATRO

O palco é o habitat natural do diretor e produtor Jorge Takla. Entre o Líbano, onde nasceu, Paris, Nova York e São Paulo, cidade que escolheu para viver, sua carreira soma décadas de sucesso e grande prestígio. Agora, está pronto para o próximo ato

FOTO: FOLHAPRESS



O diretor em noite de estreia da temporada da ópera "Don Quixote"

Do alto de uma bem-sucedida trajetória profissional de mais de quatro décadas, ele fala com conhecimento de causa

Aos 70 anos, o diretor e homem de teatro Jorge Takla está conectado com o presente e além: “Hoje o futuro profissional é de quem está conectado às mudanças cibernéticas. No virtual. Nas mídias sociais. Na velocidade. Mas o sucesso sempre será daqueles que têm um sonho. E vão atrás dele”, observa.

Do alto de uma bem-sucedida trajetória profissional de mais de quatro décadas, ele fala com conhecimento de causa. Uma experiência adquirida em cerca de 100 espetáculos - entre peças, musicais e óperas - trabalhando com profissionais do calibre de Antonio Fagundes, Walderez de Barros, Cleyde Yáconis, Cássia Kiss, Denise Del Vecchio, Sérgio Mamberti e Marília Gabriela. Encenando de Shakespeare a clássicos da dramaturgia brasileira contemporânea, como Leilah Assunção e Plínio Marcos.

Um percorrer que ele resume objetivamente: “Aprendi muito, numa escala gigante, o que me deu as ferramentas para ser um autônomo mais sólido. Como autônomo, faço as minhas próprias escolhas artísticas, mas o risco financeiro é maior”.

Jorge Philippe Takla, nasceu em Aley, no Líbano. “Sou libanês por parte de pai e mãe: Takla e Maluf”, diz orgulhoso. Ele destaca que, pelo lado paterno, herdou “uma grande cultura geral, conceitos sociais e humanitários, e os princípios morais e essenciais de ética e honestidade”. Do lado materno,

há uma dinastia de grandes poetas, escritores e historiadores - “que conseguiram ao mesmo tempo ser grandes comerciantes”. Um legado fundamental para a carreira artística ou, como ele mesmo define: “Uma herança de sonho!”.

Formado pela École des Beaux-Arts e pelo Conservatoire d’Art Dramatique, em Paris, iniciou a carreira com o célebre diretor americano Robert Wilson, em 1974. Nos próximos dois anos atuou e dirigiu no teatro LaMama, em Nova York, centro da vanguarda teatral da época e formador de talentos do cenário do entretenimento internacional.

A decisão de viver no Brasil veio pelo forte laço afetivo que estabeleceu com o país desde a infância. “Em criança passava as férias na casa dos meus avós, no bairro da Bela Vista”, recorda. “Tinha um fascínio por esta terra magnífica e cheia de possibilidades onde meu avô, Jorge Maluf, construiu seu império”. Assim, apesar de ter casa e trabalho em Paris e Nova York, escolheu São Paulo: “Amo a cidade. O Brasil é generoso, rico em oportunidades e me abriu os braços”, declara.

Radicado em São Paulo, Takla construiu uma carreira nos palcos exercendo seu talento tanto em textos clássicos, como O Jardim das Cerejeiras, do russo Anton Tchecov, como em obras de autores nacionais, como Maria Adelaide Amaral, em Mademoiselle Chanel - com inesquecível interpretação de Marília Pêra. Ele também foi personagem fundamental ao colocar o Brasil no mapa dos grandes musicais da Broadway e do West End londrino, encenando clássicos do gênero como

FOTOS: JOÃO CALDAS



O palco de Jorge Takla: (no sentido horário) Evita, My Fair Lady, A Viúva Alegre e La Traviata



“Hoje em dia posso me dar o luxo de escolher o que faço. Meus próximos projetos serão escolhidos a dedo pela qualidade artística e literária”

Cabaret e West Side Story. Além de brilhar nas montagens de ópera. Tosca, Rigoletto, Candide e A Viúva Alegre estão entre suas direções de sucesso.

Chegou a ter seu próprio teatro, o Procópio Ferreira, em São Paulo, entre 1983 e 1992. Como diretor da Divisão de Teatro da CIE-Brasil, entre 2002 e 2004, coordenou as produções dos musicais A Bela e a Fera e Chicago, os espetáculos de A Flor de Meu bem Querido, de Juca de Oliveira, e Suburbano Coração, de Chico Buarque, entre outros. É grande oficial da Ordem do Ipiranga e recebeu o título de Cidadão Paulistano.

No momento, Takla vê com sérias reservas a questão cultural no País: “No governo atual não enxergo vantagem alguma em ser profissional na minha área, sacrificada e destruída pelas autoridades. Aguardo esperançoso um futuro melhor onde a nação brasileira voltará a desenvolver educação e cultura”.

Para os colegas, a mensagem é: “Fique atento ao movimento global, tudo muda e evolui muito rapidamente, cada vez mais. Desapegue do passado, do antigo, abra seu coração e sua mente para a juventude. Dos jovens virão as respostas”. Ao mesmo tempo, aconselha os que estão chegando: “Siga sempre o seu coração, lute pelo que te faz feliz, defenda aquilo que você acredita. Assim, sempre terá um resultado melhor”.

Seu momento profissional é de celebração do ofício: “Hoje em dia posso me dar o luxo de escolher o que faço. Meus próximos projetos serão escolhidos a dedo pela qualidade artística e literária, e o prazer

que terei, antes de mais nada”, avisa. E conclui, mais uma vez seguindo em frente: “Todas as épocas foram conturbadas, de várias maneiras. O futuro é dos que ouvem os seus corações. E somente destes”.

AS RAÍZES SUL-AMERICANAS DO DIRETOR

“Meu avô, Jorge Bey Maluf, e minha avó, Isabel Abud Maluf (nascida na Argentina), levaram os três filhos para o Líbano em 1948. Ele era amigo do então presidente, o sheikh Bechara el-Khoury. Meu pai, Philippe Takla, irmão do falecido ministro Selim Takla - um dos artífices da independência do Líbano, em 1943 - aos 33 anos já fazia parte do governo.

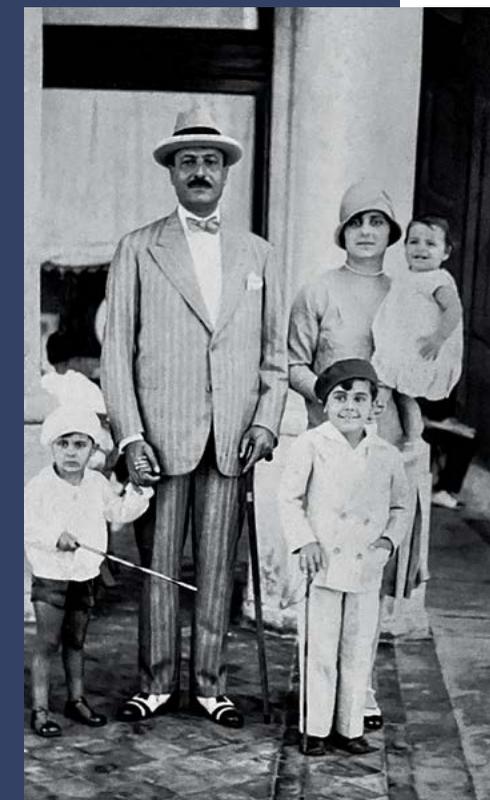
Por essa época ele conheceu minha mãe, Edith, nascida no Brasil, casaram-se em Paris e viveram no Líbano. Desde então, meu pai foi deputado por quatro mandatos, 17 vezes ministro - sendo oito na pasta das Relações Exteriores - o primeiro governador do Banco Central do Líbano, embaixador na ONU e embaixador em Paris.

Quando nos mudamos para Paris, permaneci lá cursando Arquitetura e o Conservatório de Arte Dramática. Ao todo morei sete anos em Paris e mais três em New York - fazendo turnês pelo mundo inteiro em meu início de carreira como ator de uma companhia americana.

Meu pai faleceu em 2006, em nossa casa no Líbano. Minha mãe ainda vive em Beirute. Estranhamente ela se sente mais segura lá do que em São Paulo, cidade onde ela nasceu”. ■



A grande família. (no sentido horário) Os avós maternos, Jorge Bey Maluf e Isabel Abud Maluf; a mãe, Edith; o pai, Philippe Takla; os avós Jorge Bey Maluf e Isabel Abud com seus três filhos; Philippe Takla - um ícone da diplomacia libanesa, oito vezes ministro das Relações Exteriores - o ministro Philippe Takla e sua mulher Edith são recebidos em Paris pelo então presidente Charles De Gaulle



FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



Saiba mais

EU SOU O BRASILEIRO que trabalha e realiza.



Marcelo da Paz
Padeiro e proprietário da Padaria Caliel

Todos os dias, o Brasil acorda, se levanta e sai de casa para trabalhar. O Brasil dos nossos empreendedores, que decidiram construir a sua própria história com seus micros e pequenos negócios. São eles que movimentam o nosso país. Eles são o Brasil. Eles são a alma do Brasil. E nós? Nós somos a força do empreendedor brasileiro, a força com que eles contam todos os dias há 50 anos. **Somos o Sebrae que o Brasil precisa. O Sebrae que o Brasil contou ontem, conta hoje e vai contar amanhã.**

Sebrae 50 anos
50+50
Criar o futuro é fazer história



A força do empreendedor brasileiro.

86 milhões de brasileiros beneficiados pelo setor (40% da população) **54%** dos empregos com carteira assinada **78%** dos empregos formais criados em 2021 **30%** de todas as riquezas produzidas no país (PIB).

JOÃO CURY NETO

“SEMPRE É TEMPO DE COMEÇAR OU RECOMEÇAR TUDO NA VIDA”

Advogado da área tributária e personalidade do setor público no interior paulista, João Cury Neto está pronto para ampliar seu trabalho na política. Pensa em contribuir no crescimento de seu estado e do País

Carta do Líbano: Qual o seu ramo de atuação?

João Cury Neto: Sou advogado, atuo na área tributária, mas atuei nos últimos 13 anos no setor público.

Por que optou em se tornar um profissional autônomo? É mais vantajoso do que estar ligado a uma empresa ou corporação?

João Cury Neto: Assim que terminei a Faculdade de Direito, na PUC de Campinas, voltei para minha cidade, no interior de São Paulo, para iniciar minha carreira como advogado. Comecei atuando principalmente com empresas e pessoas físicas na área tributária. A opção por autônomo foi decorrência da minha formação e do local onde decidi me estabelecer. Havia

muitas oportunidades em Botucatu. No ano 2000, me especializei em Direito Tributário, pela Universidade de Bolonha, e me tornei sócio do escritório de advocacia onde trabalhava havia mais de 10 anos. Acredito que o profissional autônomo tem suas vantagens. No meu caso, é ter maior liberdade de escolha nos meus destinos e um potencial maior de crescimento.

Que conselhos você daria para quem está se lançando no mercado como gestor da própria carreira?

João Cury Neto: Tenha objetivos claros e não desista caso as coisas não dêem certo em um primeiro momento. É natural o começo ser difícil e surgem muitas dúvidas quanto ao futuro. Ainda

FOTOS: DIVULGAÇÃO



O advogado João Cury Neto, prefeito de Botucatu por dois mandatos, ex-secretário estadual e municipal de Educação e hoje candidato a deputado federal pelo MDB

mais para os jovens de hoje em dia, que vivem sob uma pressão imediatista muito grande. Existe um ditado que diz: “Para quem não sabe onde vai, qualquer caminho serve”. Então meu conselho é: tenha clareza nos objetivos e convicção nas decisões. Sempre é tempo de começar e recomeçar tudo na vida.

Em uma economia globalizada e altamente competitiva, o que faz a diferença e colabora para o sucesso?

João Cury Neto: É muito importante termos - e termos na equipe - profissionais éticos e assertivos. Quando trabalhei com gestão pública, a primeira resposta da maioria dos meus colegas era sempre um “não”, para as demandas que chegavam, praticamente uma resposta automática, sem avaliar possibilidades do “sim”. Por isso, creio que os profissionais de sucesso viabilizam o “sim” em vez de falarem “não” imediatamente. Mas, para isso, é preciso ter ética, que é uma condição mínima para o sucesso. A grande diferença entre os profissionais de sucesso e os demais é que eles entendem que, para crescer, é necessário traçar um caminho, plantar hoje para colher amanhã, respeitando o tempo e não buscando atalhos.

“Meu avô trabalhou até os 90... Lembro dele com muito carinho, trazendo leite da fazenda no latão, do ritual árabe da “bistraina” a cada início de ano e contando histórias da sua vida”

Quais as vantagens e os problemas para um profissional liberal no Brasil?

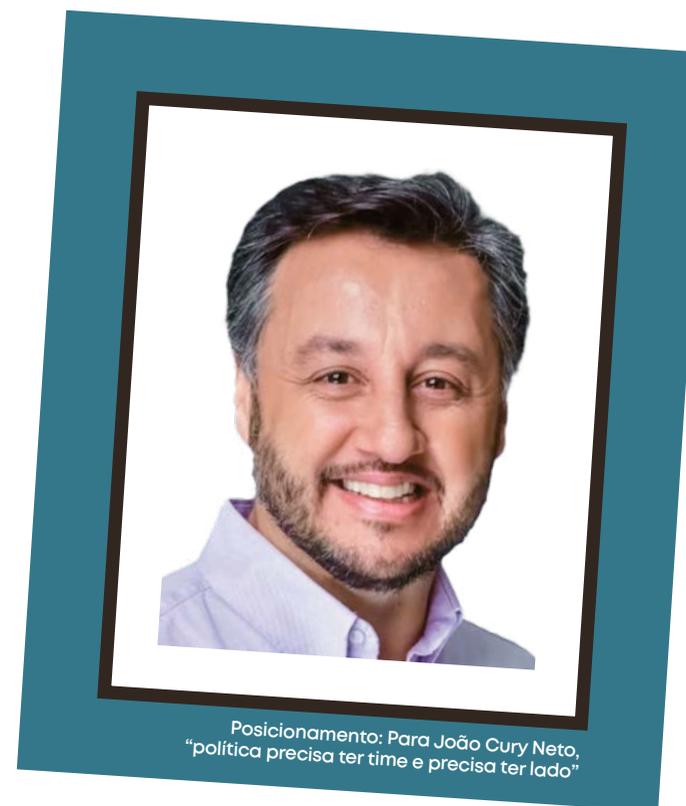
João Cury Neto: Existe o senso comum de que o profissional liberal é dono do seu próprio negócio. Trata-se de uma meia verdade. Ele muitas vezes é dono, mas depende de muitos fatores para ter sucesso ou, sequer, sobreviver dignamente. Entre as vantagens estão a autonomia e o potencial de crescimento. Mas empreender no Brasil, hoje, requer muita coragem, não é fácil. Quem tem resiliência e organização, pode se dar muito bem. Porém, muitas vezes faltam condições para empreender. Nosso ecossistema de empreendedorismo é incipiente e o governo acaba dificultando a vida do profissional liberal, em vez de facilitar. Os problemas são muitos, mas acredito que há condições de superá-los.

Fale de suas origens libanesas. Qual o legado e o aprendizado herdado de seus antepassados? Na vida e na profissão.

João Cury Neto: Tenho muito orgulho da minha origem. Digo sempre que carrego as tradições, os ensinamentos, os ditados que aprendi com meus avós. Tenho o mesmo nome do meu avô, João Cury, que veio para o Brasil junto com minha avó, Chafia, no final da década de 1920.

Assim como muitos outros imigrantes, eles embarcaram em um navio do outro lado do mundo com o sonho de começar uma nova vida. Instalaram-se aqui, no interior de São Paulo, e mesmo sem falar português, montaram uma pequena vendinha de “secos e molhados” em Bofete, trabalhando de sol a sol. Isso me ensinou a importância do trabalho, de empreender dentro das condições possíveis, e ter a responsabilidade de sustentar uma família inteira sem medo. Meu avô trabalhou até os 90 e poucos anos. Lembro dele com muito carinho, trazendo leite da fazenda no latão, do ritual árabe da “bistraina” a cada início de ano e contando histórias da sua vida. Minha avó, embora tenha partido muito cedo, nos deixou grandes ensinamentos sobre a importância da família unida. Era uma mulher inteligente, caridosa, amorosa.

Na minha trajetória na Educação, e por onde passo,



gosto de falar sobre o ensinamento do ditado árabe: “Quem planta tâmaras, não colhe tâmaras”. Trago sempre minhas origens comigo. E como minha esposa, Rachel, também tem ascendência árabe, isso é mais presente em nossas vidas.

Quais seus próximos passos?

João Cury Neto: Estou na vida pública há 13 anos, em Botucatu, na capital paulista e na Educação do Estado de São Paulo. Fui prefeito em minha cidade por dois mandatos, além de secretário estadual e municipal de Educação, presidente da FDE, do CONPRESP, do Conselho de Administração da SPcine e também secretário executivo de Relações Institucionais da Capital. No momento sou pré-candidato a deputado federal, pois entendo que há muito a ser feito para retomarmos o crescimento econômico em áreas importantes. Mas também quero levar minha experiência na gestão pública para desenvolvermos a nossa educação, a saúde e melhorar as políticas de inclusão e desenvolvimento regional. Precisamos destravar o crescimento do nosso estado. Sei que posso ajudar muito nesse processo aqui e articulando com quem precisar, seja em Brasília ou em São Paulo.

“‘Quem planta tâmaras, não colhe tâmaras’. Trago sempre minhas origens comigo. E como minha esposa, Rachel, também tem ascendência árabe, isso é mais presente em nossas vidas”

Como você encara o futuro profissional em tempos conturbados?

João Cury Neto: Tenho andado muito por todo estado de São Paulo, nos bairros mais humildes, e tenho visto que muitas pessoas precisam só de uma oportunidade. Passamos pelos momentos mais difíceis das últimas décadas na pandemia e ainda sentiremos os seus reflexos por muitos anos. O futuro profissional vai depender da união de muitos atores, para dar oportunidade a quem precisa e faz por merecer. Setor privado e público unidos, trazendo também as pessoas que buscam por essas oportunidades. Mas para isso precisamos nos concentrar na educação e na formação adequada a novos profissionais, algo que faça sentido para o mercado de trabalho. E também destravar a economia dando condições para empreender e para que as empresas contratem com segurança. A combinação perfeita seria: de um lado, profissionais com formação adequada; de outro, o setor privado e público dando condições favoráveis para que novos profissionais entrem no mercado de trabalho e os que já estão se desenvolvam e aumentem sua produtividade, sua renda e qualidade de vida. ■

RICARDO AYACHE

MEDICINA, EMPREENDEDORISMO E GESTÃO PÚBLICA

Cardiologista de renome, Ricardo Ayache uniu a consciência social na área da saúde com a tradição comercial familiar em sua trajetória profissional

Ricardo Ayache pertence a uma família que fez parte do grande contingente de imigrantes libaneses e sírios que desembarcaram no Brasil no final do século 19. Seus antepassados se estabeleceram na cidade de Aquidauana, no Mato Grosso do Sul, e como tantos outros deixaram sua marca no desenvolvimento socioeconômico do estado.

“Meus pais se conheceram e se consolidaram nos arredores da estrada de ferro Noroeste do Brasil, onde meu pai trabalhou como mascate e, na sequência, como comerciante na capital, Campo Grande”, conta o médico cardiologista e presidente da Caixa de Assistência dos Servidores do Estado de Mato Grosso do Sul (Cassems). Ele também faz questão de lembrar que herdou da família o talento para os negócios, ao qual atribui o bom desempenho na área de gestão de saúde. “Colhi bons frutos dessa herança comercial. Participei da fundação do plano de saúde que, atualmente, é o maior do estado e figura entre as 500 melhores empresas do Brasil, segundo levantamento da revista Exame”, informa orgulhoso.

Formado em medicina pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, em 1993, Ricardo Ayache conta que, desde sempre, trabalhou como profissional liberal, uma característica enraizada em seu contexto familiar. Para ele, a possibilidade de gerenciar a própria carreira é uma das vantagens do trabalho autônomo.

Do alto de seus 51 anos de vida, declara: “O profissional liberal precisa ter atenção redobrada à gestão dos recursos e investimentos com foco no planejamento a longo prazo, para que se possa, por exemplo, usufruir de uma aposentadoria confortável e autônoma do ponto de vista financeiro”. Por isso, considera a educação financeira fundamental e que deve ser inserida de forma mais contundente na cultura do cidadão brasileiro.

Segundo Ricardo, gerir a própria carreira é como presidir uma grande empresa. “É necessário ter estratégia. Estabelecendo metas e, acima de tudo, definindo os objetivos a curto e a longo prazo. Saber onde se quer chegar, como se quer viver ajudam a balizar o empenho, a dedicação e a responsabilidade que se têm nesse caminho”, detalha.

FOTO: MESSIAS FERREIRA



Ricardo Ayache, médico cardiologista e presidente da Cassems (Caixa de Assistência dos Servidores de Mato Grosso do Sul)

Ayache aponta o investimento em educação não mais como um diferencial para se ter sucesso na carreira, mas sim como um ponto de partida. Além, é claro, de ter paixão e prazer na profissão, para poder transformar sua própria realidade e a dos outros. “É uma das chaves do sucesso”, diz, e aconselha: “Mantenha a mente aberta para ouvir atentamente as críticas e as opiniões divergentes”.

Como todos os profissionais da saúde, Ricardo sentiu fortemente o impacto da pandemia, principalmente as transformações que vieram com ela. Uma delas, sem dúvida, é financeira. “Hoje estamos trabalhando muito junto à direção e conselhos do plano para reequilibrar as contas e garantirmos a sustentabilidade financeira da empresa. Ao mesmo tempo, seguimos investindo e viabilizando grandes projetos. Também à frente da Cassems, temos trabalho e responsabilidades enormes para os próximos meses”.

Dentre os novos projetos, está a entrega do Hospital Cassems de Dourados - segunda maior cidade do Mato Grosso do Sul - prevista para o início de 2023. A unidade será a maior da rede, contando com 157 leitos e uma arquitetura super arrojada.

O empresário-empresário também se encontra à frente da ampliação do Hospital Cassems de Campo Grande, referência nacional no investimento em pesquisa e qualidade de atendimento. No mês de

agosto, o hospital realizou o primeiro transplante de medula óssea no estado, representando um grande avanço para a população na área da saúde.

Outra maneira encontrada por Ricardo para auxiliar a população no que se refere às principais informações sobre saúde pública, é sua participação como âncora do programa de TV “Saúde e Algo Mais”, exibido de segunda a sexta-feira pela MS Record.

“Divulgamos informações e promovemos debates fundamentais sobre temas diversos. Um trabalho que desenvolvo com muita responsabilidade e atenção. Nesse aspecto, também sigo participando do debate político e dos espaços de construção e transformação social, atuando como presidente estadual do Partido Socialista Brasileiro há três anos”, conta Ricardo.

Fruto ainda do enfrentamento à pandemia, Ricardo pontua outro aspecto de mudança nos últimos dois anos: as percepções no universo profissional. A constante evolução tecnológica, as transformações radicais nos locais de trabalho e, paralelo a isso, dos conceitos de estilo de vida e das prioridades, foram ressignificadas e geraram uma grande carga de problemas relacionados à saúde mental no mundo corporativo.

De acordo com o médico, a avaliação da produtividade por horas trabalhadas, e não pelos resultados alcançados, é algo arcaico e o trabalhador tem buscado cada vez mais flexibilidade. A consequência é um aumento do empreendedorismo e uma busca maior pela gestão da própria carreira.

“Vejo o futuro profissional muito atrelado a estas transformações, à capacidade de lidar e de se adaptar a elas, tanto para o empregador quanto para o empregado”, observa Ricardo. “Para se ter uma ideia, uma pesquisa desenvolvida pela multinacional Sodexo - que conta com mais de 100 mil clientes e quase seis milhões de usuários no mundo todo - aponta que enquanto 15% dos trabalhadores do mundo todo relataram uma piora no bem-estar mental, no Brasil, 30% experimentaram o problema desde o início da pandemia. Essa percepção tem feito com que gigantes do mundo corporativo invistam em programas de atenção à saúde mental”, finaliza. ■

“De acordo com o médico, a avaliação da produtividade por horas trabalhadas, e não pelos resultados alcançados, é algo arcaico e o trabalhador tem buscado cada vez mais flexibilidade”



O LÍBANO
É NOSSA
PÁTRIA

Dupla Cidadania – acesse: libano.gov.lb/

JULIANO TANNUS

O RESPEITO PELA DEMOCRACIA

Resguardar e preservar nosso sistema de governo é tarefa primordial de todos os brasileiros. E o renomado jurista fez disso o principal pilar de uma trajetória profissional prestigiosa e marcante. Seu lema: “Sempre buscar o que é correto e justo”

“**R**espeitar o resultado das urnas” e “garantir lisura e transparência ao processo”. O radicalismo político e a polarização fizeram dessas algumas das frases mais ouvidas atualmente. E trouxeram enormes expectativas quanto às eleições, tão aguardadas por uns e tão temidas por outros, mas com poder de mudar a economia, a segurança, a sociedade e até mesmo as perspectivas com relação ao futuro no Brasil. Organizar e garantir não somente a legitimidade de todo o processo, mas o cumprimento da escolha feita democraticamente pela maioria dos eleitores, mesmo diante dos mais diversos ataques e de uma enxurrada de fake news, é tarefa para pessoas como Juliano Tannus, juiz titular do Tribunal Regional Eleitoral do Estado de Mato Grosso do Sul (TRE-MS).

Mesmo em tempos de maior descrença para com a política desde a redemocratização pós-

regime militar, registrando os mais duros ataques ao sistema eleitoral - esse sul-mato-grossense de Campo Grande de 43 anos mantém a calma.

A experiência profissional fala por si. Entre 2017 e 2019, Juliano atuou como juiz suplente no TRE-MS, assumindo a titularidade no final daquele período, na vaga do magistrado Abrão Razuk. Em dezembro de 2021, por nomeação presidencial, foi reconduzido à posição de juiz titular do órgão de jurisdição especializada para aquele que é agora seu segundo mandato. Já nas eleições de 2018, foi juiz auxiliar da Propaganda, experiência que o preparou para ministrar aulas no Módulo Eleitoral do Curso Oficial de Formação Inicial para Magistrados, lecionando propaganda eleitoral e poder de polícia.

Mas o preparo para os embates das eleições também vem de uma bem-sucedida e diversificada carreira. Formado em direito pela Universidade Para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP), em 2003, Juliano se especializou em áreas como Direito Tributário,

Direito do Agronegócio, Administração de Empresas Familiares e Business Dynamic. Com colegas, abriu o escritório Tannus Advogados Associados, empresa com mais de dez anos de atuação e uma das referências jurídicas do Centro-Oeste quando se trata do agronegócio, de empresas, da família e do Direito Trabalhista. Principalmente em litígios que envolvem grande repercussão econômica. “Sempre tive um perfil empreendedor e cedo me apaixonei pelo direito. Ao exercer a advocacia aliei esses dois mundos”, destaca.

Como o magistrado costuma dizer, nada, no entanto, acontece do dia para a noite. Tudo é fruto de anos de luta. “É preciso muita dedicação, muito trabalho e constante reflexão sobre seu negócio e seu ramo de atuação. Somente assim é possível criar valor para a carreira e abrir novas oportunidades”, ensina Juliano. em seu currículo também consta o posto de conselheiro da Seccional Mato Grosso do Sul da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), entre 2014 e 2018, conselheiro da Junta de Recursos Fiscais do Município de Campo Grande, representando a Associação Comercial e Industrial de Campo Grande e professor de curso de pós-graduação em Direito Cível da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

“**Em dezembro de 2021, por nomeação presidencial, foi reconduzido à posição de juiz titular do órgão de jurisdição especializada para aquele que é agora seu segundo mandato**”

A força e a inspiração para vencer as adversidades e conquistar é tradição de família. O jurista é descendente de libaneses - da região de Akkar, no norte do país - que vieram em busca de novas oportunidades e uma vida melhor. “Os maiores legados de meus antepassados são o trabalho, o amor e o constante cuidado com a família. Aprendi com eles e seu exemplo me encoraja a prosseguir, mesmo quando as coisas parecem não dar certo. Sempre buscando o que é correto e justo”, diz o jurista. No ano passado assumiu a direção da Escola Judiciária Eleitoral do Mato Grosso do Sul (EJE-MS) e tem ensinado às novas gerações a importância de fiscalizar os políticos, exercer a cidadania e defender a democracia, em escolas públicas e privadas do estado.

Aos que estão ingressando na vida profissional, Juliano Tannus deixa um ensinamento valioso: “O Brasil é uma nação rica, de dimensões continentais e diversificada em suas várias regiões. O profissional que deseja vencer precisa saber com clareza seus objetivos e criar estratégias, buscando primeiro sua consolidação profissional. O começo é sempre difícil e, se a pessoa não for vocacionada, não conseguirá transpor essa fase inicial. Com o tempo é que se adquire mais segurança e experiência. Tudo volta sempre para a mesma questão. Tenha força de vontade, persevere e trabalhe!”. ■



FOTO: DIVULGAÇÃO

JÚLIO CÉSAR FRAIHA

EMPREENDER É CONHECER AS LEIS E OS NEGÓCIOS

Advogado por vocação e tradição familiar, o empresário uniu legislação e senso de oportunidade em uma sólida carreira profissional. Agora fala sobre reinvenção, atualização e novos caminhos

Estima-se que existam no Brasil cerca de 6,4 milhões de estabelecimentos em funcionamento, sendo 99% deles micro e pequenas empresas. Ao todo são responsáveis por 52% dos empregos com carteira assinada no setor privado, cerca de 16,1 milhões de trabalhadores formais.

Profissionais como o advogado Júlio César Fraiha, trabalham para manter toda essa engrenagem em movimento com eficiência e responsabilidade. Pois, à medida que os negócios se diversificam e os investimentos aumentam, são cada vez mais necessárias as análises precisas, as ações preventivas e o domínio da burocracia e da legislação. Júlio se declara um apaixonado tanto pelas regras quanto pelos negócios.

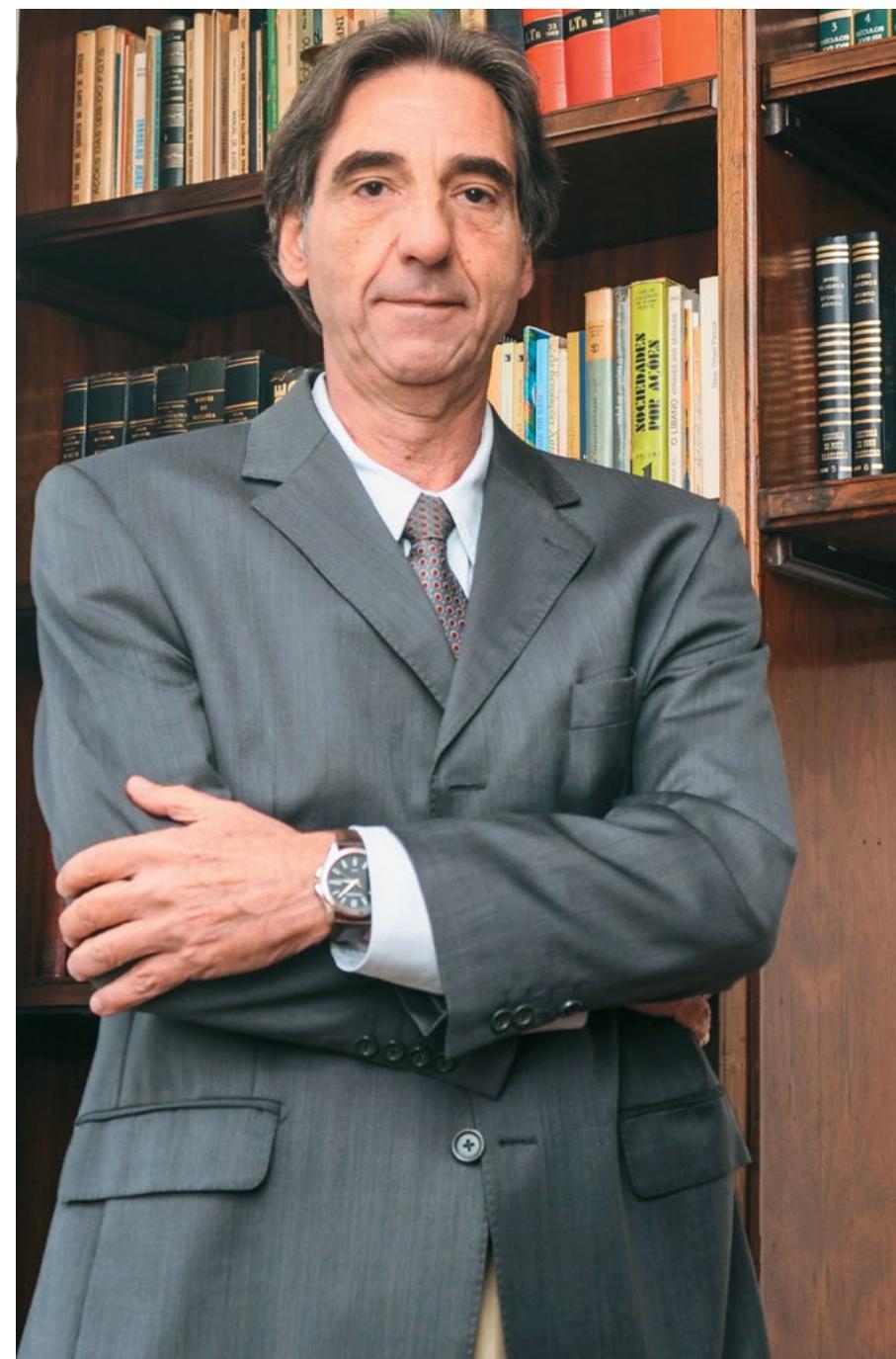
Nascido em Belo Horizonte, ele é formado pela Universidade Federal de Minas Gerais e iniciou a carreira como estagiário no escritório do pai - Fraiha Sociedade de Advogados, onde mais tarde se tornou sócio - fundado em 1954. Hoje, aos 58 anos, Júlio

é especialista em direito empresarial, acompanha processos nas esferas jurídica e administrativa. Além de prestar serviços complexos para bancos, consórcios e financeiras no setor de cobranças judiciais e recuperação de crédito.

“Meu pai, Félix Fraiha, advogou por mais de 60 anos e, apesar do grande conhecimento e experiência, era um homem acessível que sabia ouvir e compartilhar seus ensinamentos”, lembra o advogado. Assim, ele se considera privilegiado por ter se formado profissionalmente em um escritório com tradição, atuação consolidada e clientes fidelizados. “Foi muito importante para minha vida e carreira. Pude me especializar e passei a contribuir com aprimoramento dos serviços prestados pelo escritório”, diz. E reconhece que para aproveitar melhor as oportunidades, é preciso buscar conhecimento e aperfeiçoamento, como profissional e cidadão. “E se dedicar às escolhas certas”, afirma.

Em 2011, o advogado deu uma pausa na carreira jurídica e deixou o escritório familiar - que passou a ser comandado pelo irmão Rodrigo - para se tornar franqueado de uma grande empresa do setor

FOTO: FARID AOUN



Formação privilegiada: Júlio César Fraiha se desenvolveu profissionalmente em um tradicional de advocacia em BH, com escritório com tradição, atuação consolidada e clientes fidelizados

de locação de veículos no interior de São Paulo, inspirado por um tio empresário no mesmo ramo. “Ao me tornar empresário, tive que interromper minha carreira na advocacia, que exige dedicação em tempo integral. Mas os conhecimentos teóricos e práticos nas áreas do direito civil, comercial, trabalhista e tributário foram essenciais para o novo momento, o que também me permitiu ampliar a atuação que já tinha antes”, lembra.

Naquele momento, a Unidas já era uma marca conhecida no setor, com mais de dez anos de atuação bem-sucedida em São José do Rio Preto, no interior de São Paulo. Entretanto, Júlio percebeu que havia espaço para voos mais altos e promoveu uma reestruturação da empresa, que passou a trabalhar com terceirização de frota e clientes pessoa física. Em outra frente, investiu na expansão dos negócios: uma nova e estratégica loja, com espaço de estacionamento, no aeroporto de Rio Preto. A seguir vieram outras, nas cidades de Catanduva, Marília e Bauru, marcando presença e disputando o efervescente mercado nos prósperos centro e noroeste paulistas.

O talento de Júlio para enfrentar e vencer os desafios do dia a dia vem do berço. Neto de libaneses, ele conta que o aprendizado com o pai, avós, tios e amigos da comunidade o prepararam e fortaleceram para tomar decisões e fazer escolhas. “Tenho grande orgulho de minha origem árabe e essa influência me direcionou para a sua cultura e seus costumes. A fim de me aproximar ainda mais, passei a estudar o idioma árabe, que considero a expressão maior de meus antepassados e da cultura de um povo”, declara. Sua proximidade com a colônia lhe rendeu a presidência do Clube Libanês de Belo Horizonte, hoje ocupando o cargo de vice-presidente jurídico.

Em meados de 2021, outra oportunidade e nova reviravolta na trajetória profissional de Júlio. Após mais de dez anos respirando o mundo dos negócios, ele decidiu vender sua participação na locadora de veículos e voltou a exercer a advocacia. “Estou em um momento de retorno às origens profissional e pessoal”, explica, acrescentando que a hora é de reciclar conhecimento, retomando os estudos e se conectando às ferramentas mais atuais da área.

Com esperança e cautela, Júlio faz um balanço da situação do país no momento: “O Brasil continua sendo uma nação de oportunidades, um

“Enfrentar percalços e vencer dificuldades exige posicionamento.

Além do cuidado ao tomar decisões, é necessário selecionar e capacitar a equipe...”

mercado ainda médio e em expansão. A grande população somada a elementos como a mesma língua, costumes e cultura semelhante, estrutura e condições climáticas favoráveis fortalecem esse caráter e cenário positivos. Porém, ainda há uma falta de planejamento de longo prazo na economia e grande insegurança jurídica, o que torna o empreender uma ação mais arriscada, que demanda uma análise mais profunda do que apenas levar em conta os riscos do negócio”, adverte.

Enfrentar percalços e vencer dificuldades exige posicionamento. Além do cuidado ao tomar decisões, é necessário selecionar e capacitar a equipe com a qual se trabalha. O empresário dá outros importantes conselhos a quem pretende se aventurar no mundo dos negócios: “Primeiro, busque uma base educacional e uma formação sólida. Dedique-se ao que gosta de aprender e fazer. Esteja sempre cercado de pessoas bem preparadas, competentes e com conhecimento naquilo que fazem. Depois planeje e tome decisões com assertividade e senso de oportunidade. Não bastam palavras bonitas ou uma filosofia legal. Refletir bastante, não ter medo de aplicar convicções e reconhecer claramente o momento de tomar decisões, tudo aliado a muito e constante trabalho, são a base do sucesso. Por mais que a tecnologia avance, o cérebro humano ainda é insubstituível e a dedicação ao trabalho é o pilar de qualquer carreira profissional”, conclui. ■

O LÍBANO QUER VOCÊ.

Agora ficou mais fácil e rápido conseguir a sua dupla cidadania.

Saiba mais libano.gov.lb/



SUAMIR CARVALHO CHAMONE



Suamir Carvalho Chamone, empresário e atual presidente do Clube Libanês de Belo Horizonte

A OUSADIA DA REALIZAÇÃO

Enfrentar os desafios de frente, com garra e vontade de vencer. Assim o empresário mineiro prosperou na área da construção civil. Hoje ele vê o futuro com otimismo e declara que o “Brasil é uma mãe que não deixa seu filho padecer”

FOTO: FARIDAQUN

Quando a pandemia do coronavírus chegou ao Brasil, nos primeiros meses de 2020, trouxe também o medo e o desânimo. Sobretudo no setor imobiliário e da construção civil que, pouco

tempo antes, havia acabado de superar uma crise sem precedentes. Para muitos isso foi motivo de desaceleração e suspensão de novos investimentos. Porém, para o empresário mineiro Suamir Carvalho Chamone foi a oportunidade de buscar novas empreitadas. “Não podemos ficar presos na insegurança e deixar de realizar. Devemos ser ousados, colocar em ação as ferramentas adequadas e agir com coragem e determinação”, afirma ele. Uma maneira que não apenas o ajudou a atravessar aquele momento turbulento, mas o preparou para o atual, de efervescência, e caracterizou sua vida e trabalho, tornando-o um dos homens mais respeitados na área em Belo Horizonte.

Não que ele estivesse livre de preocupações. Elas sempre existiram e são necessárias, assim como o planejamento e a avaliação dos riscos. No entanto, Chamone sempre encarou tudo de frente. Algo natural para quem trabalha não por obrigação, mas por realmente gostar daquilo que faz. “Sou um amante incondicional da construção. Atuar na área não apenas me realiza, mas me faz espalhar e pensar melhor sobre tudo”, garante ele, que comanda os negócios em família, zelando pelo nome e pela tradição centenária dos Chamone.

Nascido em Belo Horizonte, mas cidadão libanês, Suamir Chamone aprendeu com as histórias, lutas e o empenho daqueles que vieram antes dele. Seu avô, o comerciante Salim Cheker Chamoun, deixou Sarahin, no vale do Bekaa, uma das regiões mais férteis do Líbano, para se aventurar no Brasil em 1907. “É uma trajetória marcante, mas que nos é peculiar, na lembrança dos povos que nos originaram e de conquistadores, como os fenícios, de que descendemos”, lembra.

Ao lado do irmão Elias, Salim constituiu família e empreendeu no Brasil. Encontrou o sucesso no ramo da panificação e fundou a tradicional Marbaz, abrindo oportunidade para todos os dez filhos e plantando a vocação para o comércio e o mundo dos

“Sou um amante incondicional da construção.

Atuar na área não apenas me realiza, mas me faz espalhar e pensar melhor sobre tudo”

negócios, inspirando as gerações que se seguiram. “Para mim, essa caminhada é motivo de orgulho, algo que transcende, por isso nos espelhamos muito na história, na cultura e nos valores. Como eu, meus filhos têm cidadania libanesa e se espelham nesses exemplos de superação para vencer”, acrescenta.

Aos 59 anos, ele prepara os filhos para assumir os negócios. Mas não abandona a garra e espera ainda colher bons frutos. Mesmo em tempos que apresentam duras perspectivas para o futuro, Chamone se mantém otimista: “Passamos a vida toda lutando e não podemos ter medo da guerra. O Brasil é uma excelente mãe, que não deixa o filho padecer. Não temos problemas mais sérios de natureza climática, temos sol o ano todo e muitas oportunidades. Costumo dizer que ninguém é miserável por completo. Até numa lata de lixo se pode iniciar um grande projeto de trabalho. O problema é a burocracia que atrapalha o empreendedor”, observa.

Aproveitando o momento eleitoral, o empresário pede mais transparência e menos projetos e ações ilusórias. Não somente na esfera pública, mas também na iniciativa privada e mesmo na vida pessoal. “Precisamos desses elementos. Se os tivermos, basta querer e usar a criatividade para encontrar boas alternativas nos negócios, na família e no cotidiano”, completa Chamone. E não dispensa o seu lema preferido e sempre presente, que garante ser a vida boa para quem a quer: “Palavras boas para serem conhecidas e melhores ainda para serem vividas”. ■

LIDIVALDO REAICHE RAIMUNDO BRITTO

ORIENTE, LIBANO E BAHIA

Aos 60 anos, o desembargador do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, Lidivaldo Reaiche Raimundo Britto, relembra a história de seus antepassados imigrantes e de sua influente família baiana. Também investe novos projetos culturais em sua carreira como escritor

Carta do Líbano: Como foi optar pelo perfil de profissional autônomo?

Lidivaldo Reaiche: Sempre atuei no serviço público, tendo trabalhado na Caixa Econômica Federal, Secretaria de Administração do Estado da Bahia, Polícia Federal e no Ministério Público do Estado da Bahia, onde fui Procurador-Geral de Justiça do Estado da Bahia (2006-2010).

Em uma economia globalizada e altamente competitiva, o que faz a diferença e colabora com o sucesso?

Exercer atividades em prol do bem comum dos cidadãos.

Quais as vantagens e os problemas de ser um profissional liberal no Brasil?

O acesso ao serviço público, por intermédio de concurso, permite que o mérito prevaleça. O servidor público no Brasil nem sempre é valorizado, havendo críticas à burocracia e morosidade, mas, geralmente,

inexiste estrutura adequada e remuneração condizente para algumas categorias, principalmente nas áreas de educação, saúde e segurança, pilares do serviço público.

Fale da longa história de sua família, que remonta aos primeiros tempos da imigração no Brasil.

A história da minha família é uma verdadeira saga, como a da maioria dos imigrantes libaneses, e se confunde com os primórdios da diáspora. Dom Pedro 2 visitou o Líbano em 1876, e, sabedor da capacidade dos descendentes dos fenícios nas áreas de agricultura e comércio, convidou-os para emigrar, o que ocorreu. As regiões escolhidas eram as que centralizavam as atividades econômicas mais rentáveis: café, borracha, mineração e cacau. Ao redor estariam os libaneses, geralmente trabalhando com o comércio, sendo mascates e introduzindo, no Brasil, o crediário. Os meus antepassados são oriundos de Bnachi, perto de Zgharta, no norte do Líbano, e

FOTO: DIVULGAÇÃO

“**Meu bisavô, Rouhana Youssef Gibrail Reaiche, quando adolescente, e sua mãe, Christine, visitaram primos, comerciantes já estabelecidos em Salvador, por volta de 1886**”

lutaram ao lado do herói Youssef Bey Karam.

Meu bisavô, Rouhana Youssef Gibrail Reaiche, quando adolescente, e sua mãe, Christine, visitaram primos, comerciantes já estabelecidos em Salvador, por volta de 1886. Também estiveram com Dom Pedro 2, no Rio de Janeiro, numa das famosas audiências públicas do Imperador. Retornaram para o Líbano, mas meu bisavô nunca esqueceu o Brasil. Ele tinha um irmão, Antoine, e duas irmãs, Zmirad e Lule. Já adulto, Rouhana casou-se com Walina Abdelnour e tiveram quatro filhos: Aziz, meu avô, Nehmetal, Fouad e Lutfalah. Por sua vez, Zmirad, que seria minha bisavó, uniu-se a Tanus Mansur, gerando Jiries, Jamília, Rosa, minha avó, Esmeralda e João (falecidos quando crianças), Maria José e Rilene. Os irmãos Rouhana e Zmirad combinaram o casamento de seus filhos, Aziz e Rosa, respectivamente. Primeiramente, Zmirad e Tanus vieram com a família para Salvador, por volta de 1904. Quando Rosa estava na puberdade, voltaram para o Líbano, a fim de que fosse cumprida a promessa do casamento com Aziz, o que ocorreu no dia 03 de setembro de 1911, na Igreja de São Rouhana, em Bnachi. Aziz havia sido seminarista da Igreja Maronita e professor do primeiro ciclo. Todavia, a situação do Líbano era preocupante, pois o Império Otomano estava recrutando jovens libaneses para o alistamento no Exército; ou seja, o



O desembargador do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, Lidivaldo Reaiche Raimundo Britto

opressor utilizava o oprimido em sua defesa.

Lamentavelmente, dois meses depois do casamento de meus avós, Aziz e Rosa, o pai desta, Tanus, faleceu com 38 anos, vítima de infarto, e foi sepultado em Bnachi. Rouhana, então, preparou a mudança para Salvador, acompanhando: sua irmã Zmirad, com as filhas menores (Jiries ficou no Líbano, pois já havia desposado a prima Ferzelia, filha de Antoine); Aziz, Rosa e o bebê do casal, Vitória, de oito meses; e seu filho solteiro, Nehmetal, de dezessete anos.

O grupo saiu de navio do Porto de Beirute em direção a Marselha, na França, e de lá, num trem, seguiram para a cidade francesa de Cherbourg. Ali embarcaram no navio Astúrias, que zarpu de Southampton (Inglaterra), cuja rota incluía Vigo (Espanha), Lisboa e Salvador. O desembarque na capital baiana se deu no dia 20 de junho de 1913. Logo depois, alguns mudaram os nomes. Zmirad tornou-se Mariana; Rouhana seria Raimundo Gabriel e Nehmetal virou Jorge. Rouhana escolheu o nome Raimundo, porque viu a imagem de São Raimundo, numa igreja de Salvador, e achou parecida com a de São José, da Igreja de Bnachi. A partir daí o sobrenome da família passou a ser Raimundo.

“A crise de 1929 afetou a economia do Sul da Bahia, resultando no fechamento da loja. Meu avô Aziz, já com oito filhos, tentou a vida em São Paulo, mas teve de retornar...”

No início, meu avô Aziz e seu irmão foram mascates pelas ruas de Salvador. Em 1914, a Primeira Grande Guerra impediu Rouhana de retornar ao Líbano, para trazer sua esposa Walina com os dois filhos menores, Fouad e Lutfalah, que ficaram em Bnachii. Rouhana, Aziz, Nehmetal, Rosa e a pequena Vitória se transferiram, em 1915, para Ilhéus, cidade rica, em razão do cacau. Zmirad e suas filhas menores permaneceram em Salvador. Atraídos pelas novidades, a prima de meu avô, Maria Reaiche, e seu esposo Joubair, mudaram-se para o Brasil, onde se estabeleceram na localidade ilheense de Rio do Braço, onde nasceu Cid, que seria o bispo maronita Antoine Joubair.

Com o cerco do norte do Líbano, pelo Império Otomano, que rompeu o acordo com a França, protetora dos cristãos libaneses, milhares de pessoas morreram de fome, inclusive minha bisavó Walina, em 1918. Ela guardava o pouco que lhe restava para os filhos Fouad (12 anos) e Lutfalah (10 anos), que, mesmo esqueléticos, sobreviveram e ficaram sob os cuidados da tia Lule. O desespero se apossou da família no Brasil, pois deveria correr contra o tempo, para retirar as crianças do Líbano. O dinheiro das passagens foi enviado por portador e um padre maronita trouxe Fouad (16 anos) e Lutfalah (14 anos), em 1922, até o Rio de Janeiro, sendo recebidos por Nehmetal, que levou seus irmãos para Pirangy (distrito de Ilhéus, atual município de Itajuípe, fundado por libaneses), onde a família havia aberto

uma loja. O sofrimento foi tão grande que Rouhana, dois anos depois da chegada dos filhos, adoeceu e, levado para Salvador, ali faleceu. Jiries e Ferzalia, também vieram para o Brasil e se instalaram em Pirangy (Itajuípe). Seriam conhecidos como Jorge e Maria.

A crise de 1929 afetou a economia do Sul da Bahia, resultando no fechamento da loja. Meu avô Aziz, já com oito filhos, tentou a vida em São Paulo, mas teve de retornar, em virtude dos conflitos da Revolução Constitucionalista de 1932. Consequentemente, abriu o Bar Brasil, em Pirangy (Itajuípe), e, por falar árabe e francês, foi indicado para trabalhar na Agência do Instituto de Cacau ali instalada, por uma das primas que moravam em Salvador, bem relacionada com as autoridades. Ele se tornou maçom e ocupou diversos cargos na Maçonaria (Inspetor Litúrgico do Nordeste e membro dos Graus Filosóficos). Em 1942, foi transferido para Salvador, onde minha mãe, Lydia, conheceu meu pai, Waldomiro Britto, empregado da Loja Duas Américas, tradicional magazine. Lule se juntou à família na Bahia. Minha bisavó Zmirad morreu em 1944 e foi sepultada no mesmo cemitério onde estava repousando seu irmão Rouhana. Meus pais se casaram no ano de 1950, e, do matrimônio, além de mim, o caçula, nasceram: José Carlos (médico cardiologista hemodinamicista); Paulo César (geólogo e professor universitário); e Inês do Carmo (administradora). Em 1951, Lutfalah visitou o Líbano, reencontrando os parentes. Minha avó Rosa faleceu em 1957, aos 58 anos, vítima de câncer. Meu avô Aziz, viúvo com 66 anos, não mais se casou e trabalhou até se aposentar no Instituto de Cacau, onde foi superintendente dos Armazéns Gerais. Ao todo, meus avós tiveram onze filhos, dos quais nove já faleceram, inclusive minha mãe. Os pioneiros prosperaram e muitos se casaram com libaneses ou sírios. Em julho de 1975, com o aeroporto de Salvador repleto de filhos, netos e bisnetos, meu avô Aziz, aos 82 anos, embarcou para visitar sua terra natal, acompanhado do irmão Lutfalah (em Bnachii, celebrou-se uma missa em sua homenagem). Entretanto, a Guerra Civil já havia começado, e isso muito o entristeceu, porque, ao retornar, assistiu às imagens da destruição de Beirute, pelos jornais televisivos. Primos libaneses,

numa verdadeira odisseia, diante do conflito, estiveram em Salvador. Alguns emigraram para a Austrália, México, Nigéria, Mauritània, França, Inglaterra, Suíça e EUA. Sem ver a paz, meu avô Aziz faleceu em 1979, ano no qual ingressei na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, aprovação que lhe trouxe felicidade. Casei-me com Ana, médica cardiologista, em 1989, e tivemos uma filha, Isabelle, estudante do curso de Direito. Todos os pioneiros, que vieram do Líbano, já faleceram. A família, seguindo a tradição libanesa, ampliou-se muito unida. Sempre quis narrar a bela história de dois casais que foram separados pelo destino (maktub): os irmãos (Rouhana e Zmirad) estão sepultados em Salvador e seus respectivos cônjuges (Walina e Tanus), em Bnachii. No ano de 2004, reunindo centenas de parentes e amigos, lancei o livro “Os primos - crônica de uma família libanesa na Bahia”, com edição esgotada. Visitei o Líbano em seis oportunidades e, em 2012, organizei um grupo (tias e primos) que esteve naquele país durante dez dias. Ao chegarmos em Bnachii, fomos recebidos pelo chefe do Cartório, com a lista dos registros dos nomes dos nossos bisavós, avós, pais, tios e primos, o que emocionou a todos. Foram oferecidos lanche e almoço festivo. Alguns jovens parentes de Bnachii e da Austrália já visitaram Salvador. Minha filha esteve 45 dias, nas férias de 2015, em Bnachii, convivendo com os primos. As redes sociais nos aproximaram. Enfim, o sentimento que nos une é tão grande quanto a distância que separa o Líbano do Brasil. Os filhos e netos dos que emigraram tiveram acesso ao ensino superior. Alguns destes são empresários e políticos (uma prima e um primo ocuparam o cargo de Prefeito de Belmonte; um primo é prefeito de Arataca e uma prima é deputada estadual). Dois primos se destacaram no Brasil e no exterior: o jogador Ricardo Gomes e o publicitário Nizan Guanaes. Descendentes até hoje residem em Itajuípe (antiga Pirangy) e alguns deles cultivam cacau. Tenho como exemplos o esforço e a coragem dos que vieram para o Brasil, atravessando o Atlântico, na terceira classe, em busca de uma vida melhor. Carrego o legado do meu bisavô Rouhana, que foi juiz de paz e prefeito de Bnachii, no Líbano, e o do meu avô Aziz, exímio servidor público e maçom.

Quais seus próximos passos profissionais?
Também sou escritor. Aproveitando a experiência da minha atuação como promotor de Justiça de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa, no Ministério Público da Bahia (1997-2006), e como presidente da Comissão de Direitos Humanos do Tribunal de Justiça da Bahia, publiquei o livro “A Proteção dos Terreiros de Candomblé - da repressão policial ao reconhecimento como patrimônio histórico e cultural”, em defesa das religiões de matriz africana. Sou sócio do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia e estou escrevendo um livro sobre a trajetória do Tribunal de Justiça da Bahia, o mais antigo das Américas, desde a sua instalação em 1609.

Como você encara o futuro profissional em tempos conturbados?

O ato de julgar é complexo e difícil, mormente quando envolve a vida e a liberdade das pessoas. O embasamento na Constituição Federal e nos diplomas legais é fundamental, com a interpretação justa e não exegeta. Atualmente, com pesar, identifiquei ataques radicais ao Poder Judiciário e às instituições do Estado Democrático de Direito, numa tentativa de desacreditar e enfraquecer a Democracia, o que deve ser rechaçado, com vigor, resistência e altivez. ■

“Dois primos se destacaram no Brasil e no exterior: o jogador Ricardo Gomes e o publicitário Nizan Guanaes. Descendentes até hoje residem em Itajuípe e alguns deles cultivam cacau”

LEONARDO NACIFF BEZERRA

“A MAGISTRATURA É UM SACERDÓCIO”

Jovem e dinâmico, o magistrado goiano Leonardo Naciff Bezerra encara com naturalidade os desafios profissionais de seu tempo. Do passado traz sólidos valores éticos aplicados à carreira profissional. Acredita no equilíbrio e aperfeiçoamento contínuo para receber o futuro

Carta do Líbano: Como e por que optou pelo trabalho autônomo?

Leonardo Naciff Bezerra: Sempre desejei trabalhar na magistratura, já que muitos dos meus familiares paternos seguiram a carreira jurídica. Além disso, a possibilidade de contribuir para uma sociedade mais livre, justa e solidária foi um fator relevante para a minha escolha profissional.

Quais conselhos você daria para alguém que está se lançando nessa carreira?

Sem dúvida, a carreira da magistratura é um verdadeiro sacerdócio, além de desafiadora. Para assumir essa missão, além do aperfeiçoamento contínuo, exige-se bastante comedimento, discrição e sobretudo equilíbrio emocional e funcional.

Em uma economia globalizada e altamente competitiva, o que faz a diferença e colabora com o sucesso?

Existe uma integração efetiva entre a seara econômica e pública - levando-se em conta os efeitos extrajurídicos ou paralelos de eventual decisão judicial. Essa análise econômica do Direito deve ser feita com bastante cautela e prudência porque, na minha opinião, um dos pontos fundamentais para o êxito dessa economia

globalizada repousa no exame de externalidades, da escassez de recursos, exigindo do julgador, não raras vezes, uma interpretação não apenas jurídica, mas também sociológica.

Quais os ensinamentos e o legado que vem de sua origem árabe?

O Líbano é o país onde meu bisavô materno nasceu. Como muitos outros, ele também imigrou ao Brasil em busca de novos desafios profissionais e

“*Existe uma integração efetiva entre a seara econômica e pública - levando-se em conta os efeitos extrajurídicos ou paralelos de eventual decisão judicial*”



O magistrado goiano Leonardo Naciff Bezerra

se destacou no comércio e transporte de bebidas, no que foi seguido por meu avô Farid José Naciff. Legado e aprendizado, se confundem e vale ressaltar a integridade ética, o empreendedorismo negocial e, notadamente, os valores familiares bem arraigados de união e solidariedade.

Como você encara o futuro profissional nestes tempos conturbados

Atualmente o poder Judiciário, não apenas no Brasil, mas mundialmente - nos países democráticos - tem sido constante e progressivamente instado a julgar os mais diversos conflitos de interesses. Prova disso, é o vultoso aumento das demandas sociais, sendo que a magistratura se apresenta indispensável para garantir o desenvolvimento nacional, a ordem pública e a pacificação social. ■

“*O Líbano é o país onde meu bisavô materno nasceu. Como muitos outros, ele também imigrou ao Brasil em busca de novos desafios profissionais*”

FOTO: DIVULGAÇÃO

GERALDO CHAINE OBEID

“AS CRISES PASSAM E OS TEMPOS DE BONANÇA SURGEM”

Com larga experiência internacional, Geraldo Chaine Obeid mantém a fé no futuro. Não enxerga a globalização como vilã e confia na resiliência brasileira. Sobretudo, segue o antigo ensinamento árabe de caminhar com passos seguros e firmes



O empresário Geraldo Chaine Obeid

Geraldo Chaine Obeid é empresário e CEO da italiana Etatron, representante e distribuidora de bombas doadoras de produtos químicos - utilizadas no tratamento de água e esgoto - fornecendo para as mais diversas companhias de saneamento básico estatais e concessionárias privadas em todo o Brasil. Hoje, ele também responde pelas atividades comerciais da empresa no Oriente Médio. “Desde que cheguei ao Brasil, minhas origens libanesas e o relacionamento com personalidades proeminentes da comunidade fazem parte do meu cotidiano”, declara. “Isso ajudou nas minhas relações comerciais e pessoais, pois o vínculo com a terra dos antepassados mantém viva a minha origem e o respeito por valores elevados, independente do meio em que esteja inserido. Tenho certeza que cheguei

até aqui sob forte influência da cultura árabe”, afirma.

Arrojado e sempre um passo à frente do mercado, Geraldo ressalta que empreender no Brasil é um desafio. A carga tributária abusiva, uma burocracia infundável e uma população que não consegue se organizar para cobrar dos seus governantes as mudanças necessárias estão na lista de dificuldades apontadas pelo empresário. “Para nós, libaneses, que temos um espírito de coletividade, isso é difícil de aceitar passivamente. No Brasil, nós como estrangeiros enfrentamos essa dificuldade e apoiamos uns aos outros. Mantenho a humildade e a mente centrada nos negócios, com cautela e prevenção, com uma pitada de arrojo nos momentos em que a oportunidade é criada. Posso dizer que me sinto realizado no momento, mas nunca acomodado. Estou sempre pensando no futuro realizável e planejado”, diz.

Quinto filho de uma família de seis irmãos, Geraldo, tem a sua história dividida entre Líbano e Brasil desde os seus ancestrais. Seu pai de origem libanesa era brasileiro, natural de Campos Gerais, e viajava constantemente para o oriente devido ao seu trabalho no Instituto Brasileiro do Café. Buscando conhecer suas origens, ele foi até a cidade de Kawkaba, no sul do Líbano, onde conheceu Saada Matta com quem se casou e foram viver em Beirute. Geraldo nasceu na capital libanesa há 59 anos.

Em seu primeiro ano de vida, o empresário passou por uma experiência inusitada: seu batizado aconteceu a bordo de um navio de guerra brasileiro que estava atracado no porto de Beirute, em 1964 - a serviço das forças de emergência da ONU.

“Foi minha madrinha, Lygia Dornelles, diretora de relações públicas do IBC, quem solicitou a autorização ao capitão do navio, Manuel Abboud - de origem libanesa - para celebrar o meu batismo a bordo. A cerimônia foi celebrada pelo capelão do navio, Isidoro Valle. Por ser um navio de bandeira brasileira, sou um dos poucos casos que se vê no mundo: um brasileiro nato, nascido em Beirute, Líbano”, lembra Geraldo.

Os Obeid foram uma entre as muitas famílias a enfrentarem as dores da guerra civil libanesa e Geraldo viu os pais chorarem a morte do irmão mais velho, Pechara. Com a escalada do conflito a família

Geraldo passou por uma experiência inusitada: seu batizado aconteceu a bordo de um navio de guerra brasileiro que estava atracado no porto de Beirute

decidiu se transferir definitivamente para o Brasil em 1981.

Aos 19 anos, já residindo no Brasil, a primeira experiência de trabalho de Geraldo foi em uma lanchonete árabe. Na sequência, ingressou na Aliança Líbano-Brasileira para a Cultura e Informação. Em 1986, fundou o Instituto de Pesquisas sobre o Oriente Médio (IPOM), quando teve contato com a área de comércio internacional e decidiu o rumo de sua vida profissional.

Como empresário, começou em 1990 em um escritório de representação, exportação e importação, intermediando vendas entre empresas brasileiras - dos ramos alimentícios, de vestuário, óleo e gás - e empresas do Oriente Médio.

Quatro anos depois o empresário iniciou as atividades comerciais com importações próprias de produtos Etatron, conquistando mercado e a confiança de empresas de todos os portes por fornecer uma opção de dosagem de produtos químicos acessível e de fácil operação. Sob o comando de Geraldo, a empresa causou uma verdadeira revolução no setor.

“Era o momento de desassociar a empresa da marca Italiana e então criei uma nova marca, a TECH-DOSE”, conta. “Por meio dela, fomos crescendo cada vez mais. Passei por diversas crises ao longo do tempo, como a primeira maxidesvalorização do Real, em 1999. Segurei os prejuízos e reergui-me, e em 2002 encerrei as atividades da empresa. Só havia um plano, fazer a marca Etatron erguer-se no mercado, pois ela

não havia sucumbido à crise. Sempre mantendo os pés no chão, trabalhei com capital próprio, nunca recorrendo aos bancos para financiar as atividades”, informa.

Em 2007, Geraldo deu um passo importante em sua trajetória, obtendo da fábrica italiana a autorização para o uso da marca em território nacional, estabelecendo a Etatron do Brasil. “A confiança que transmiti, por causa da minha resiliência e competência na condução dos negócios, permitiu aos italianos ampliar a atuação no mercado brasileiro com o trabalho desempenhado por minha empresa. Para isso, uma nova sede foi montada em um prédio industrial, com amplas áreas de escritório comercial, assistência técnica, expedição e estoque, para a equipe que agora faz parte da empresa”, pontua.

A sólida trajetória profissional de Geraldo Chaine é inspiradora para muitos jovens e ele acredita que um dos segredos para a prosperidade no mundo corporativo é estar sempre atento ao mercado. Manter viva a sua essência é outro ponto de destaque e faz a diferença para um empreendedor.

“O conselho que daria a quem se lança em qualquer empreitada é nunca esquecer suas origens. Seja humilde e justo com a equipe e seus parceiros comerciais, honre seus compromissos, analise bem o nicho de atuação e a situação econômica. Esteja atento, acompanhe o mercado de perto e ouça os mais experientes. Cerque-se de pessoas que elevem os seus pensamentos e verás seus negócios prosperarem. Temos muitos jovens talentos espalhados pelo Brasil e acredito que estas atitudes são uma porta de entrada para quem está começando agora”, ensina.

Ele também frisa a importância de se agir com sabedoria, resiliência, cautela e expertise. “O primeiro passo para o sucesso é não se deixar levar pelos outros. Essa visão de que a globalização vai engolir a todos depende exclusivamente do tamanho que você se vê e do tamanho que você quer ficar. É óbvio que todo empresário quer ver seu negócio prosperar, mas o que ainda faz a maior diferença é estar presente no dia a dia dos negócios. Estar atento a cada mudança de humor do mercado, não se precipitar e dar o passo conforme a perna, trazem vantagens competitivas que são pouco alinhadas

“**O conselho que daria a quem se lança em qualquer empreitada é nunca esquecer suas origens. Seja humilde e justo com a equipe e seus parceiros...**”

com as ideias plantadas pelos gurus do sucesso. Só que há milênios os libaneses fazem sucesso no mercado e não é com passos largos. É com passos seguros e firmes”, faz questão de chamar a atenção.

Mesmo diante de dificuldades, segundo Geraldo empreender no Brasil ainda tem as suas vantagens. “Nosso país atravessou as mais severas crises e nunca foi insolvente, sempre tendo o respaldo e o apoio da comunidade econômica internacional. Com isso temos sempre a certeza de que as crises passam, e tempos de bonança surgem”. Ele também contemporiza, pois acredita que o momento atual é de cautela devido ao momento político e a forte instabilidade política, principalmente diante das próximas eleições.

A pandemia também retardou os planos de expansão do empresário, que no momento da crise sanitária, prezou por manter o emprego de todos os funcionários - mesmo com as jornadas de trabalho reduzidas de trabalho e sem diminuir salários.

“Assim que a turbulência eleitoral passar pretendo retomar às atividades normais da empresa, com a participação em feiras e eventos, investimentos em desenvolvimento, para torná-la cada vez mais dinâmica e eficiente, principalmente no cenário econômico e tributário, pois as mudanças dificilmente acontecerão no curto-médio prazo. Essas mudanças tendem a ocorrer a partir de 2023”, finaliza. ■

DIPLOMACIA

CASA NOVA

Consulado-Geral do Líbano inaugura sua nova sede em São Paulo

O Consulado-Geral do Líbano tem um novo endereço em São Paulo. Após longo tempo funcionando em um espaço alugado pela Câmara de Comércio Brasil Líbano, no dia 5 de maio, o Consulado inaugurou sua sede própria na Avenida Paulista. O evento contou com a participação de diversas autoridades, diplomatas e religiosos, entre eles o ex-presidente do Brasil Michel Temer e o presidente da Câmara de Comércio Árabe Brasileira Osmar Chohfi. “É um momento de alegria, pois essa nova sede oferecerá um serviço consular de mais qualidade à comunidade libanesa”, disse Carla Jazzar, embaixadora do Líbano em Brasília. “Os libaneses formam uma comunidade muito importante no Brasil, tanto política quanto economicamente. Nada mais justo do que um espaço tão bonito como esse”, acrescentou o embaixador Raymundo Santos Rocha Magno, chefe do Escritório de Representação do Ministério das Relações Exteriores em São Paulo, que veio acompanhado da filha Manuela Vila Magno. O embaixador Fernando Paulo de Mello Barreto, secretário adjunto de Relações Internacionais da Prefeitura de São Paulo, falou em nome do prefeito Ricardo Nunes: “São Paulo agradece à comunidade



libanesa. Na nova localização, continuaremos trabalhando juntos”. O novo espaço foi adquirido com o apoio da comunidade libanesa no Brasil, que arrecadou 2,6 milhões de reais em doações. “A nova sede é uma realização de todos: o Consulado, a comunidade e a comissão especial que acompanhou o projeto. Um processo que deu transparência a tudo e fortaleceu a boa governança”, finalizou o cônsul Rudy el-Azzi, dando as boas vindas a todos. ■

Serviço
Consulado Geral do Líbano
Av. Paulista, 1754 - 5º andar - Conj. 5B
São Paulo - SP - CEP 01310-920
Telefone: 11 3262-0604

Área Gourmet
em laca cinza.
Mobiliário Ornare
sob medida,
com acabamentos
perfeitos e
funcionais.

Harmony, well being & pleasure

Samia Sarayedine Testa



Dona de um olhar elegante e sensível, é uma arquiteta extremamente detalhista. Filha de pai libanês e mãe brasileira, esteve várias vezes no Líbano, na casa de seus avós no Monte Líbano, onde a cultura e a arquitetura árabe foram definitivas na sua decisão de ser uma arquiteta. Sua busca por projetos que aliem design, conforto e sofisticação a um ambiente em harmonia lhe renderam projeção mundial e viraram uma marca registrada de seu trabalho consagrado em mostras de arquitetura, design e publicações pelo mundo. Arquiteta e urbanista formada pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, iniciou sua busca por conhecimento na Europa e Oriente Médio e foi uma das pioneiras do país a buscar ambientes harmonizados onde boas energias circulem e inspirem a vida das pessoas. Hoje, há quase 30 anos no mercado, faz Arquitetura do bem-estar. Samia ainda se dedica totalmente aos projetos residenciais e corporativos. Um a um, como se fossem únicos.

ORNARE

Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 1101 - Jardim América
São Paulo • SP • 01441-000 • Telefone: (11) 3065-6622

📧 samia@samiasarayedinetesta



Essa cobertura duplex, no coração dos Jardins, alia funcionalidade a sofisticação com mobiliário Ornare sob medida.



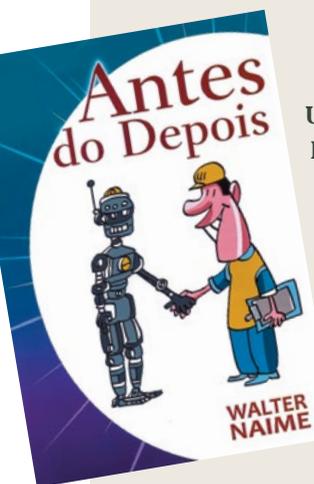
Projetada para clientes em que um dos hobbies é cozinhar, a cozinha se tornou o coração da casa.



A sala de banho, assim como todos os ambientes, refletem contemporaneidade com o mobiliário Ornare sob medida.

DA BIBLIOTECA DE PIRACICABA

Conheça a percepção aguda e o humor sagaz do cronista Walter Naime em dois títulos - de uma reflexão do matuto mineiro à observação de uma pequena cidade que reflete o País



UM CONVITE PARA PLANTAR BANANEIRA

“Oncotô, oncovô?” Não entendeu nada? Não se preocupe, mas saiba que Walter Naime gosta de fazer esse desafio. Explica-se: quem vai para Minas Gerais costuma se deparar com uma geografia de muitas montanhas e serras. Tanto que por lá se usa o ditado de que “na vida não se deve correr demais porque depois de um morro vem sempre outro morro”. Esse cenário também faz o matuto parar e refletir: “Onde é que estou, para onde que vou?”. Dita com sotaque, a indagação criou uma expressão sonora, “oncotô, oncovô”, que se tornou sinônimo de contínua procura das razões de viver. Mas só terá sentido se acrescida de ação e busca. Essa é justamente a proposta de “Antes do Depois”, mais novo livro do arquiteto e urbanista, empresário e escritor.

Como já havia feito em sua primeira obra, Do Começo ao Fim de um Começo, Naime traz mais crônicas publicadas no decorrer dos anos em veículos como o “Jornal de Piracicaba”, a “Gazeta” e a “Tribuna Piracicabana”, além de discursos e outros textos, sempre bem acompanhados pelas artes de Emílio Moretti, Erasmo Spadotto

e Palmiro Romani. Mais uma vez há histórias e personagens marcantes de sua Piracicaba, como Paraná, peculiar vendedor de cocos da rua do Porto, e o sr. Bolão, figura ímpar no Clube do Sereno e da Távola Quadrada e notável distribuidor de gentilezas e de flores.

Porém, são as ideias e discussões, agora tratando da política nacional, regional e local, do desmazelo da sociedade e da necessária atitude, que dão corpo aos textos. Os trocadilhos são impagáveis. Como o convite a plantar bananeira, que dá título a esta resenha. Sim, pois se o mundo virou de cabeça para baixo nos últimos anos, como explica o arquiteto da palavra, é necessário voltar à infância para vê-lo do ângulo certo, evitando imediatismos, vivendo o presente sem ignorar que precisamos de um futuro. Algo que parecia divertido quando se era inocente, mas que nesse momento exige especial atenção diante das juntas enferrujadas e olhos cansados pelo tempo sem o devido exercício. Mas é essencial quando se percebe que só haverá um “depois” se primeiro acontecer um “antes”.

Antes do Depois
Autor: Walter Naime
192 páginas
Publicação do autor

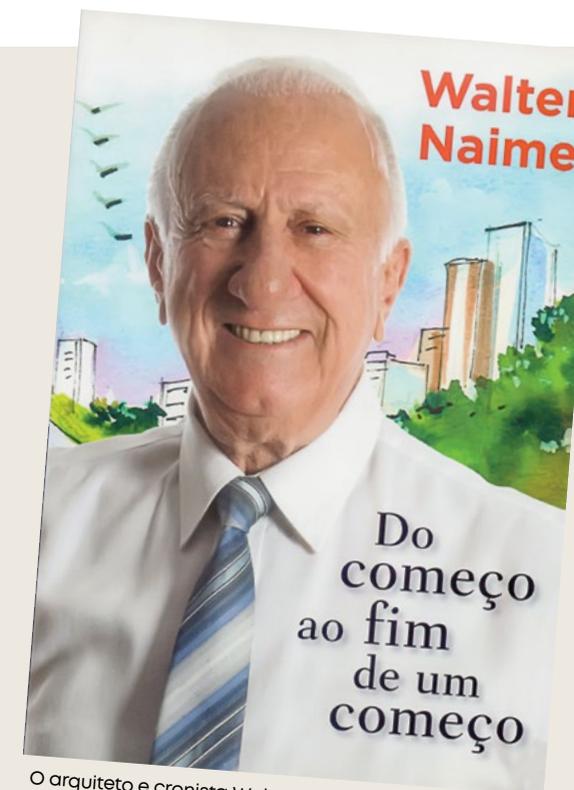
FOTOS: DIVULGAÇÃO

CIDADE INVISÍVEL

Para boa parte das pessoas, grandes cidades significam problemas. Apesar de proporcionarem oportunidades de novos relacionamentos, experiências, trabalho e estudo, não passam de um mal necessário diante da escalada de violência, miséria e indiferença que percorrem suas vias e edificações. Mas não para o arquiteto, empresário e escritor Walter Naime. Em “Do Começo ao fim de um Começo”, seu primeiro livro, ele escolhe Piracicaba, cidade com mais de 400 mil habitantes localizada a 150 quilômetros da capital paulista, não somente para ser o palco de seus textos, mas para refletir, pensar, expor afetos e contrariedades, mostrando que a vida, apesar da onipresença do mundo virtual atualmente, ainda acontece de fato nas ruas e avenidas da urbe de concreto real.

“Do Começo ao fim do Começo” é uma coletânea de crônicas, a maioria publicada nos primeiros 29 anos em que Naime escreveu para o “Jornal de Piracicaba”, quase sempre acompanhadas pelas ilustrações dos artistas gráficos Emílio Moretti e Erasmo Spadotto, também reunidas no livro, que ainda conta com a apresentação e uma ilustração sob medida de Paulo Caruso. Das crônicas surgem personagens marcantes, lugares acolhedores e histórias saborosas, como no passeio que faz pelo Mercado Municipal, sua história centenária, produtos e negócios fervilhantes ou na análise que faz da obra do artista impressionista e piracicabano Pacheco Ferraz.

“O arquiteto explica que uma flecha, para atingir o alvo, teria que percorrer, num primeiro momento, metade do caminho entre o arco e o alvo”



O arquiteto e cronista Walter Naime

Também reflexões atuais e oportunas, como a do paralelo entre a multiplicação do comércio popular e o fenômeno das lojas de R\$ 1,99 e um histórico problema brasileiro, o da corrupção. Para tanto, ele usa o chamado Paradoxo de Zenon, que procura mostrar que uma flecha disparada nunca conseguirá alcançar seu alvo. O arquiteto explica que uma flecha, para atingir o alvo, teria que percorrer, num primeiro momento, metade do caminho entre o arco e o alvo. Depois, mais metade da metade que falta para atingir o alvo e assim sucessivamente, de modo que, nunca atingiria o alvo, pois sempre faltaria metade da metade do percurso a percorrer para chegar lá. Claro, diz ele, é um paradoxo, pois a flecha sempre chega ao destino, acertando ou não o alvo. Porém, na vida real, assim como o cliente nunca recebe o troco das promoções de R\$ 1,99, em casos de corrupção política, a flecha disparada pelas denúncias da imprensa dificilmente chegam a seu alvo: a punição dos corruptos. “Somem com o alvo, a flecha, o troco, o dinheiro e desconfio que levem na cueca até o paradoxo do pobre Zenon”, conclui Naime. ■

Do Começo ao fim de um Começo
Autor: Walter Naime
160 páginas
Três Gatos Editora/tresgatoseditora.com.br

UMA VIDA EM VERSO E PROSA

O escritor Jorge Alberto Nabut recorre a referências bíblicas e poesia para contar a vida de seu pai de forma épica. Uma leitura envolvente que remete à saga dos imigrantes libaneses e sírios, como mostra a resenha a seguir

“**P**osto que vindo Elias em carro incendiário, puxado por dois cavalos de fogo, alados, a ditar versículos em círculos de chamamento ao filho e seu prontuário; Vereis, pois, o profeta de escrituras nas pinturas das igrejas de Sheik-tabá, província de Akkar – em veste, tonsura, pele de nácar; Do nome do profeta em carruagem de fogo, chamaram-no em batismo de Elias, menino nascido em Edbil, na mesma Akkar, Líbano, por onde dezesseis anos atuaria, até abdicar-se de vez do lugar.”

É com o fogo, que tão de perto acompanha a saga do profeta bíblico, e a água, símbolo máximo do batismo cristão, que o economista, engenheiro, comunicador, historiador e poeta Jorge Alberto Nabut inicia a sua jornada pela vida de Elias Nabut. Porém, “O Livro de Elias – Poema a meu Pai” vai muito além de uma biografia

paterna. Usando a memória, os sentimentos e a criatividade, apresenta com sensibilidade histórias e valores que definem a identidade de outra saga: a própria imigração síria e libanesa para o Brasil no século 20.

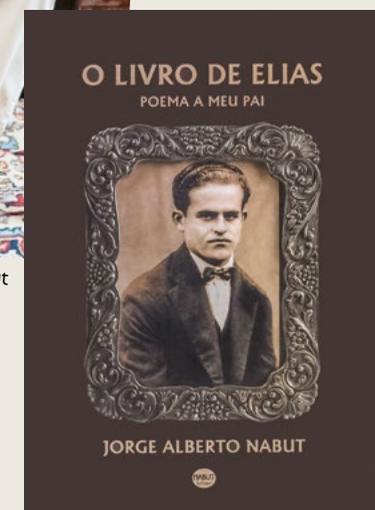
Deixando as referências libanesas e horizontalizando as profecias no cotidiano das terras brasileiras, Elias enfrenta as lutas tão comuns a tantos imigrantes. Primeiro, tenta a sorte em sociedade com um irmão em São Sebastião do Paraíso (MG). Mas o fracasso na empreitada e a necessidade de sustentar a família o levam a Uberaba, também nas Minas Gerais, onde passa a trabalhar como mascate. De ônibus, trem de ferro ou mesmo a pé, percorria as fazendas da região, carregando na mala toda sorte de mercadoria que se podia vender. Mais tarde, já na cidade, comercializa réstias de alho, gravatas e, finalmente, tecidos finos, levados embaixo dos braços, embrulhados em papelão.



O jornalista e escritor Jorge Alberto Nabut

FOTOS: DIVULGAÇÃO

“Usando a memória, os sentimentos e a criatividade, apresenta com sensibilidade histórias e valores que definem a identidade de outra saga: a própria imigração síria e libanesa para o Brasil”



Mas no “Livro de Elias”, toda essa jornada foge do tradicional biografismo para tirar significado e beleza de momentos e acontecimentos. Alternando entre a prosa e a poesia, o autor flagra andanças, caminhos, comércios, o amor, as amizades, a paternidade. Enfim, o que define e faz a vida valer cada sacrifício. Assim, ele recorda os modelos de prendedores de papel usados nas vendas e que seguravam as notas até que fossem recolhidas às pastas e, mensalmente, encaminhadas ao contador. Também apresenta a figura do pai a refletir e admirar as parreiras e as jabuticabeiras sob o sol da primavera. Uma imersão que faz o leitor entrar na propriedade, sentir os cheiros, o clima e desejar experimentar também o sabor das frutas.

Apesar de toda a reverência com a qual apresenta o pai, o livro não se limita à sua

figura. Mergulha na forte voz do poeta-autor-narrador, levando ao encontro do filho que, ao final, passa a descrever os métodos e caminhos percorridos na composição da obra, suas fontes e referências. Assim, compensa a ausência do farto registro iconográfico encontrado na obra anterior de Nabut, “O Círculo dos Bastidores”, na qual apresenta a biografia de sua mãe, dona Mariana. Na verdade, “O Livro de Elias” é um complemento à primeira experiência, mas que agora, de forma errática mas inventiva, mistura relato e ensaio e mimetiza a odisseia do imigrante que deixa sua pátria, atravessa o oceano, peregrina e atravessa rincões para conquistar. Em suma, pinta a vida com cores vivas, trazendo à tona lembranças e saudades. ■

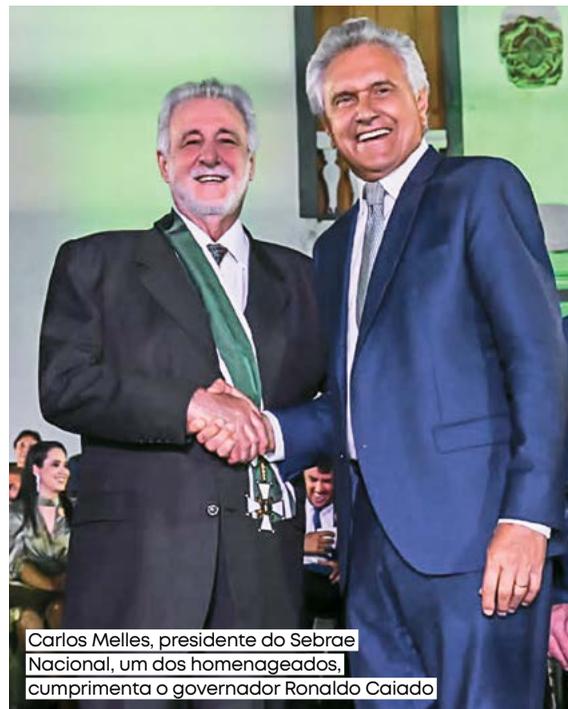
O Livro de Elias – Poemas a meu pai
Autor: Jorge Alberto Nabut
160 páginas
Nabut Letras (publicação do autor)

NOITE DOS TRÊS PODERES EM GOIÁS

A mais alta honraria goiana foi entregue pelo governador Ronaldo Caiado. Uma ocasião muito especial que também marcou a volta das comemorações depois de um hiato de dois anos

A noite do dia 25 de julho foi marcada por homenagens na histórica cidade de Goiás. O governador Ronaldo Caiado (União Brasil) entregou a comenda da Ordem do Mérito Anhanguera a diversas personalidades, como parte da programação das solenidades de transferência simbólica dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário para o município que foi a capital do estado de Goiás até 1933.

“O poder Judiciário sente-se honrado de estar presente na solenidade. Ainda mais nessa cidade que é o berço de todos os goianos”, destacou o presidente do tribunal de Justiça do estado, Carlos Alberto França, um dos homenageados. “Não é somente um momento de emoção, mas de reflexão por conta do difícil momento que atravessamos”, completou o presidente do Sebrae Nacional, Carlos Melles, outro



Carlos Melles, presidente do Sebrae Nacional, um dos homenageados, cumprimenta o governador Ronaldo Caiado

dos que receberam a honraria - a mais alta concedida pelos goianos. Emoção também refletida pelo retorno das comemorações, que estavam suspensas há dois anos, por conta da pandemia de Covid-19.

“Celebramos com um ato simbólico e que destaca o trabalho realizado pelo desenvolvimento de Goiás. A comenda é um reconhecimento a homens e mulheres que em suas vidas voltaram suas atenções e esforços para ajudar nosso estado”, afirmou o governador Caiado. ■



Praça do Chafariz, na cidade de Goiás, cenário para entrega da maior honraria do Estado



O governador Ronaldo Caiado lembrou que a homenagem é o reconhecimento daqueles que contribuem com o desenvolvimento do estado de Goiás



Carlos Melles em discurso de agradecimento



Carlos Melles, a primeira-dama Gracinha Caiado e governador Ronaldo Caiado

A comenda é um reconhecimento a homens e mulheres que em suas vidas voltaram suas atenções e esforços para ajudar Goiás

FOTOS: JOÃO MIGUEL BATIZADO



Cozinha minimalista, com detalhes ousados e contemporâneos. Destaque especial à coifa cilíndrica dupla, no tom vermelho Ferrari.

ORNARE **Modern, efficient & cozy** by **Noura van Dijk**

noura@interiordesign.com.br



Atualmente, com a gastronomia em alta, as cozinhas ganharam ainda mais relevância dentro das casas e se tornaram ambientes de integração e interação da família, inclusive com os convidados. A cozinha assumiu o posto de estrela da casa. Temos recebido muitas solicitações para projetos diferenciados nesse espaço, muitas vezes integrados com a sala de jantar e com a varanda, compondo um ambiente acolhedor, multiuso, podendo reunir a família em torno do fogão durante o preparo das refeições. Esta cozinha foi projetada especialmente para um casal que adora reunir a família, com foco no objetivo funcional que o modo de viver atual demanda. É uma cozinha minimalista, com detalhes ousados e contemporâneos. Todo mobiliário foi pensado e projetado para uma utilização eficiente e prática. Ao desenvolver projetos de cozinha, nosso foco é sempre o uso personalizado de cada família, aliado à expertise da Ornare na área de móveis sob medida. Oferecendo diferentes estilos, além de tecnologia de ponta, alcançamos nosso objetivo.



Elementos sofisticados, como o revestimento de pastilhas Bisazza branco fosco, com destaque pontuais de flores furta-cor gigantes na base branca, traduzindo elegância, aliados às formas retilíneas do mobiliário linha Satyrium e refrigerador Subzero com portas revestidas by Ornare.



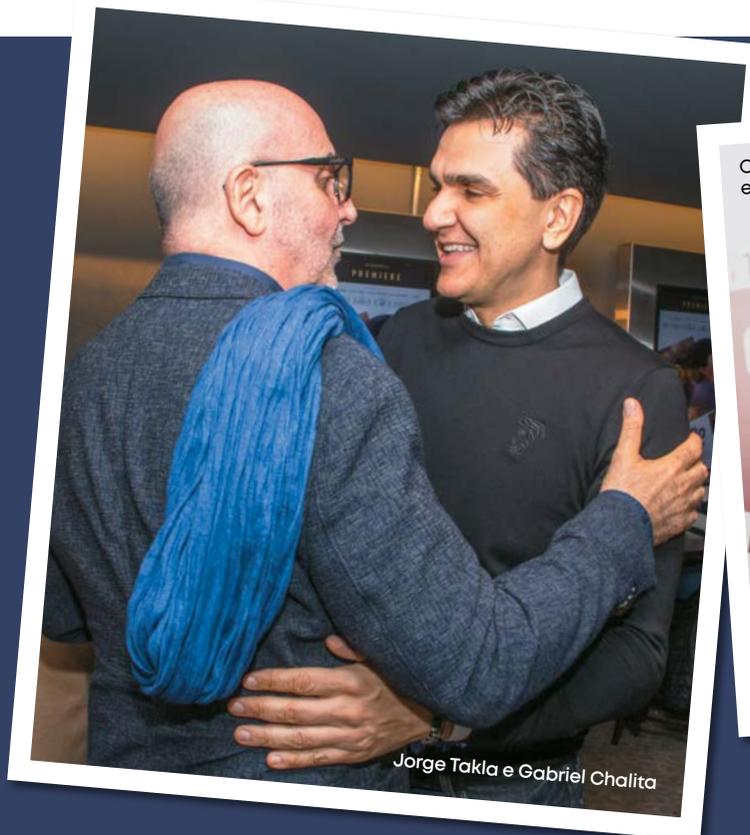
Divisória e porta em vidro, com montantes minimalistas, separam a cozinha da área de refeições rápidas com mesa branca da Cinex, cadeiras Mademoiselle Kartell e luminária Campari.

UM DELICADO CONTO DE AMOR EM TEMPOS DE GUERRA

Filme do diretor libanês Oualid Mouaness ganhou estreia de gala em São Paulo



Oualid Mouaness, Jorge Takla, embaixadora do Líbano, Carla Jazzar, Yeda Saigh e Cecília Beiruti



Jorge Takla e Gabriel Chalita



Oualid Mouaness e Tuna Dwek



O casal Mauro Maluf



Bruno Barreto e Oualid Mouaness

Em 1982, em uma escola do Líbano, Wissam (Mohamad Dalli), um garoto de 11 anos, tenta contar a uma menina que gosta dela. Em meio às dúvidas e aos sonhos, o país é invadido por Israel, dando início a um conflito sangrento que mudaria a vida de todos. Essa é a premissa de “1982”, drama que sai das trincheiras para narrar as agruras da guerra através do olhar infantil. O filme foi apresentado ao público brasileiro em um evento de gala, no dia 31 de maio, no Cine Marquise, no Conjunto Nacional, em São Paulo.

A sessão exclusiva contou com a presença de artistas, diplomatas e importantes membros da comunidade libanesa que puderam conferir em primeira mão a obra, vencedora de 19 prêmios internacionais e representante do Líbano no Oscar 2020. O filme dirigido por Oualid Mouaness teve seu lançamento em circuito comercial adiado por conta da pandemia.

“1982” é atual, comovente e inspirador. Levar essa temática para as telas em um momento angustiante de crises e guerras é lembrar ao espectador os

FOTOS: ERNESTO EILERS



Estefani Mayorkis, Najj Nahas e Jorge Takla

valores que nos manterão vivos e resilientes para construir um futuro saudável”, disse Joana Henning CEO do Estúdio Escarlata, distribuidor do longa no Brasil, que traz no elenco a atriz e diretora Nadine Labaki - autora do prestigiado “Cafarnaum”, de 2018. O diretor teatral Jorge Takla, libanês radicado no Brasil e produtor executivo do filme, esteve presente na sessão. “É uma obra que mexeu comigo. Nasci no Líbano e lá passei a infância e a adolescência, mas estava longe há tempos. Quando volto, encontro esse diretor genial de quem já havia assistido um curta-metragem, e ele me propôs esse projeto um tanto quanto autobiográfico. Mas que fala a tantos que passaram por aquele sofrimento e de crianças da idade que eu tinha quando vivia lá. Eu me senti em casa. O conflito é o pano de fundo para a história de amor de uma delicadeza imensa. A mensagem é de que, na guerra, não há vencedores, apenas sofrimento e perdas, sem entrar no mérito de quem tem razão ou é vítima”, declarou. ■



Pedro Parente, Joana Henning e Oualid Mouaness



Katia Rodrigues e marido



Evaristo de Azevedo e a mulher, Gabriela



Tawfic Rifka e Oualid Mouaness



Ricardo Levisky, Oualid Mouaness e Jorge Takla



Yeda Saigh, Najj Nahas e Nathalie Nahas Rifka



Carla Jazzar, Najj Nahas, Nathalie Nahas Rifka e Jorge Takla



Carla Jazzar e Gabriel Chalita

“ A mensagem é de que, na guerra, não há vencedores, apenas sofrimento e perdas, sem entrar no mérito de quem tem razão ou é vítima ”

TRIBUTO

AMOR PELA FAMÍLIA E A COMUNIDADE

Carlos Jafet Júnior honrou a tradição da conhecida família da colônia libanesa cujo nome está ligado à história brasileira há mais de cem anos

★ 29.08.1948 • † 03.10.2021

Família de imigrantes marcada pelo empreendedorismo e pelo espírito comunitário, os Jafet são conhecidos em todo o Brasil, sobretudo no estado de São Paulo, onde muitos de seus integrantes fizeram história.

Como Carlos Jafet Júnior um dos maiores representantes do clã.

A tradição da família no Brasil teve início há mais de um século. Benjamin Jafet foi o primeiro a aportar em terras brasileiras e fundou a primeira loja da colônia libanesa, na Rua 25 de Março, em São Paulo - três anos após chegar no País, em 1887.

Em seguida vieram os irmãos Basílio, Nami - avô de Carlos Jafet Jr - e João. Juntos fundaram a Nami Jafet & Irmãos, além da fábrica de

tecidos Fiação, Tecelagem e Estamparia Ypiranga Jafet, em 1907, uma das precursoras da indústria têxtil nacional.

A tecelagem foi a responsável pela pujança e o desenvolvimento do bairro paulistano do Ipiranga e seu entorno. Nesse bairro a família construiu 320 residências para os operários de suas indústrias, além de mais de 22 casarões e palacetes que abrigaram a família e seus descendentes, destacando-se os de Basílio Jafet, ainda hoje inseridos na paisagem da Rua Bom Pastor.

AMERICANO, BRASILEIRO E LIBANÊS

Desde os primórdios, a essência do empreendedorismo solidário e democrático estava presente e foi seguida por Carlos Jafet Junior, influenciando inclusive seu local de nascimento.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



In memoriam: Carlos Jafet Júnior permanece vivo no coração da família e amigos

Nos anos 1940, a fim de expandir os negócios no ramo da siderurgia, seu pai, Carlos, mudou-se para os Estados Unidos. Seu objetivo era adquirir navios para utilizar em navegação de cabotagem na costa brasileira, transportando minérios para suprir as indústrias siderúrgicas comandadas por ele e seus irmãos.

Durante a permanência nos EUA, Carlos pai conheceu Evelyn, também de origem árabe, de uma família de Dhour al-Chuair, mesma cidade natal de Nami Jafet. O casamento dos dois aconteceu em 1946 e o filho Carlos nasceu em Nova York dois anos depois. Em 1949, Carlos voltou ao Brasil com a família e os outros quatro filhos - Marilyn, Ricardo, Virginia e Douglas - nasceram aqui.

Em função disso, o pequeno Carlos tinha cidadania americana e brasileira, com uma ligação muito forte às origens libanesas, que preservou até os últimos dias de vida. O vínculo com a comunidade libanesa marcou sua trajetória desde a infância, durante os passeios familiares no Clube Monte Líbano e, mais tarde, nos passeios com os amigos, aproveitando as quadras de esporte e as piscinas do clube.

No trabalho e na vida, Carlos sempre dizia que tinha no avô sua inspiração. Nami Jafet, além de empresário, era professor universitário e uma liderança respeitada na comunidade

EMPRESÁRIO DE SUCESSO E AMIGO DOS IMIGRANTES

Carlos conquistou o sucesso profissional ao se formar engenheiro civil, no Mackenzie, em 1972. Esteve à frente da Jafet Incorporadora e Construtora, empresa com sólida atuação no mercado residencial, comercial, hoteleiro e de shoppings centers de São Paulo - então com mais de 100 empreendimentos e mais de 1 milhão de metros quadrados entregues.

No trabalho e na vida, Carlos sempre dizia que tinha no avô sua inspiração. Nami Jafet, além de empresário, era professor universitário e uma liderança respeitada na comunidade. Acolhia imigrantes vindos do Líbano e, motivado por sua crença cristã, chegou a atuar como conselheiro que transmitia valores morais e espirituais

Enquanto seu avô apoiou a vinda de imigrantes, Carlos ajudou a torná-los mais unidos em diversos momentos, como ao assumir a presidência do Clube Monte Líbano, entre 1990 e 1992. Mesmo antes de estar no comando, Carlos já participava da gestão do clube. Em 1984, foi convidado por Ernesto Zarzur para se candidatar a uma vaga no conselho deliberativo, em função da representatividade e da história de cooperação da família Jafet. Carlos não só assumiu como membro do conselho, mas também como representante da diretoria do clube e essa ligação com a agremiação seguiu até que ele ocupou a presidência.

Como representante oficial do clube, participou de uma missão da ONU, integrando a Comissão Parlamentar Líbano Brasileira do Congresso Nacional. Na época, a organização buscava apoio contra a guerra civil que assolava o Líbano desde 1975.



Silvana e Carlos: um casamento tranquilo e harmonioso

Carlos Jafet Jr também foi importante em momentos de alegria, confraternização e fortalecimento do clube. Trouxe shows de artistas internacionais de renome, como o italiano Peppino di Capri. Também construiu a antiga lanchonete - hoje o Ayuni Café - e implantou o Boulevard. Deu ainda início à construção do prédio atual da administração do clube e ainda modernizou a gestão, levando sua experiência empreendedora para a instituição.

A VOZ DO CORAÇÃO

Carlos Jafet celebrava a comunidade e a família. Seus três filhos - Christiane, Carlos e Caio - a esposa Silvana, as enteadas - Nicole

Carlos conquistou o sucesso profissional ao se formar engenheiro civil, no Mackenzie, em 1972. Esteve à frente da Jafet Incorporadora e Construtora, empresa com sólida atuação no mercado

e Daniele - e os dez netos, assim como seus 4 irmãos, cunhadas e sobrinhos eram presença fundamental em sua vida e representavam sua fortaleza. E via na memória de seus antecessores o grande ideal de ética a ser seguido. Sem dúvida, foi um nome que trouxe orgulho para os Jafet e para toda a comunidade libanesa no Brasil.

Sua esposa, Silvana, declara emocionada: "Gratidão é o sentimento que preenche meus dias sem Carlos, porque ao final de toda esta trajetória de feitos, conquistas e muitas lutas, o que realmente fica entre nós, a nossa família, os amigos e os colaboradores, é o seu sorriso transparente aberto cheio de esperança e amor. Esta foi a essência de Carlos Jafet Junior, um homem de hábitos simples, de muita fé e de uma doação sem limites. Meu pai dizia: filha, Deus fez o Carlos e jogou a fórmula fora. Era uma maneira de demonstrar o imenso carinho que tinha por ele. Uma pessoa única, de coração puro e cheio de vida. Cumpriu a sua missão e combateu o bom combate e guardou a fé! A ele dedico amor eterno". "Agora pois permanecem a fé, a esperança e o Amor, porém o maior e o que fica é o Amor!" I Coríntios 13:13 ■

ARTIGO

NÓS TEMOS A FORÇA

POR JOÃO CARLOS DA SILVA*

Considerações sobre o poder do empreendedorismo no Brasil, e sua contribuição sócio econômica, segundo um expert em gestão pública, conhecedor das necessidades e do potencial do País

Já publiquei na mídia nacional diversos artigos sobre a força do empreendedorismo nacional. Nos últimos anos o agronegócio alavancou esse crescimento e no Centro Oeste é uma realidade. Os números de empregos gerados, demonstrados pela Fundação do Trabalho do Mato Grosso do Sul e Fundação do Trabalho de Campo Grande, são explícitos, registrando recordes atrás de recordes. Na Federação das Associações Comerciais, também. É o empreendedorismo tomando conta do cenário com atuação respeitada. Desde que assumiu o Sebrae Nacional, Carlos Melles deu uma nova cara ao setor. Com ele, vieram novos investimentos e novas realidades. Isso faz bem ao Brasil. Em Minas Gerais, o Grupo Friesp Alimentos lançou-se Brasil adentro e a fora com eficiência e logística. Emprega milhares de pessoas e, em alguns estados, exporta e assume liderança. O mesmo é refletido no Grupo Pereira de Alimentos. Esse bate impressionantes recordes de empregabilidade e de expansão por estados brasileiros. No norte do Brasil acaba de surgir o maior terminal portuário de contêineres, no Amapá.

Moderno e gerando empregos. O experiente jurista Lázaro Gomes Júnior, especialista em sucessões, diz que o empreendedorismo no Brasil poderia estar ainda mais em alta caso houvesse uma revisão na carga tributária. É verdade. Precisamos pensar mais sério sobre essa questão.

Voltando ao Centro Oeste, em Bonito, palco do ecoturismo mundial, diversos empreendimentos surgem o tempo todo. Quem desbravou foi o Grupo Poli, detentor do maior complexo turístico do Mato Grosso do Sul, o Zagaia Eco Resort, maior empregador de toda região depois de prefeituras. Há vagas.

Os libaneses com seus espíritos desbravadores e coragem são partes disso. Seriam necessárias páginas e páginas de uma enciclopédia para enumerar todos eles, com suas façanhas de coragem e sucesso. Tantas outras nacionalidades fazem também um empreendedorismo digno de aplausos no Brasil. Não se pode deixar a oportunidade passar em branco. A raiz é a vertente das conquistas profetizada por muitos. Nunca erraram. Empreender é preciso. Que assim seja. ■

***João Carlos da Silva é articulista e consultor. Foi assessor ministerial na Secretaria de Governo e na Presidência da República**



FOTOS: DIVULGAÇÃO



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

A comunhão
entre o fogo,
os ingredientes,
nossa técnica
e preparo criam
momentos
inesquecíveis.

São Paulo
Rio de Janeiro
Brasília
Porto Alegre
Curitiba
Belo Horizonte
Recife
Goiânia
Campinas
Alphaville


Pobre Juan


Pobre Juan

pobrejuan.com.br |  /restaurantepobrejuan